Constâncio Mascarenhas

As Castas da India

(Esbôço de estudo antropo-social)

"La recherche de la vérité doit être le but de notre activité. — **H. Poincaré.**

208/4 FMP

1924
IMPRENSA NACIONAL
— de Jaime Vasconcelos —
204, Rua José Falcão, 206
PORTO

N.º 191

AS CASTAS DA INDIA

(Esbôço de estudo antropo-social)

António Constâncio d'Expêtação Brás Mascarenhas

As Castas da India

(Esbôço de estudo antropo-social)

"La recherche de la vérité doit être le but de notre activité. — **H. Poincaré.**

Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto

1924
IMPRENSA NACIONAL
— de Jaime Vasconcelos —
204, Rua José Falcão, 206
PORTO

N.º 191

FACULDADE DE MEDICINA DO PÔRTO

DIRECTOR

Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães

SECRETÁRIO INTERINO

Dr. Hernâni Bastos Monteiro

CORPO DOCENTE

Professores Ordinários

Anatomia descritiva	Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima
Histologia e Embriologia . . .	Dr. Abel de Lima Salazar
Fisiologia geral e especial . . .	Vaga
Farmacologia	Vaga
Patologia geral	Dr. Alberto Pereira Pinto de Aguiar
Anatomia Patológica	Dr. António Joaquim de Sousa Júnior
Bacteriologia e Clínica das doenças infecciosas	Dr. Carlos Faria Moreira Ramalhão
Higiene	Dr. João Lopes da Silva Martins Júnior
Medicina Legal	Dr. Manuel Lourenço Gomes
Anatomia Cirúrgica	Dr. Hernâni Bastos Monteiro
Patologia Cirúrgica	Dr. Carlos Alberto de Lima
Clínica Cirúrgica	Dr. Álvaro Teixeira Bastos
Patologia Médica	Dr. Alfredo da Rocha Pereira
Clínica Médica	Dr. Tiágo Augusto de Almeida
Terapêutica Geral	Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães
Clínica obstétrica	Dr. Manuel António de Morais Frias
Parasitologia e Clínica das doenças parasitárias	Vaga
Dermatologia e Sifiligrafia . . .	Dr. Luís de Freitas Viegas
Psiquiatria.	Dr. António de Sousa Magalhães Lemos
Pediatria	Dr. António de Almeida Garrett

Professores Jubilados

Dr. Pedro Augusto Dias

Dr. Augusto Henrique de Almeida Brandão

A Faculdade não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação.

Art. 15.º § 2.º do *Regulamento Privativo da Faculdade de Medicina do Pôrto, de 3 de Janeiro de 1920.*

Ao ilustre Presidente da minha Tese

Ex.mo Professor

J. A. Pires de Lima

Homenagem de muito respeito e consideração.

Ao Ex.mo Corpo Docente

da

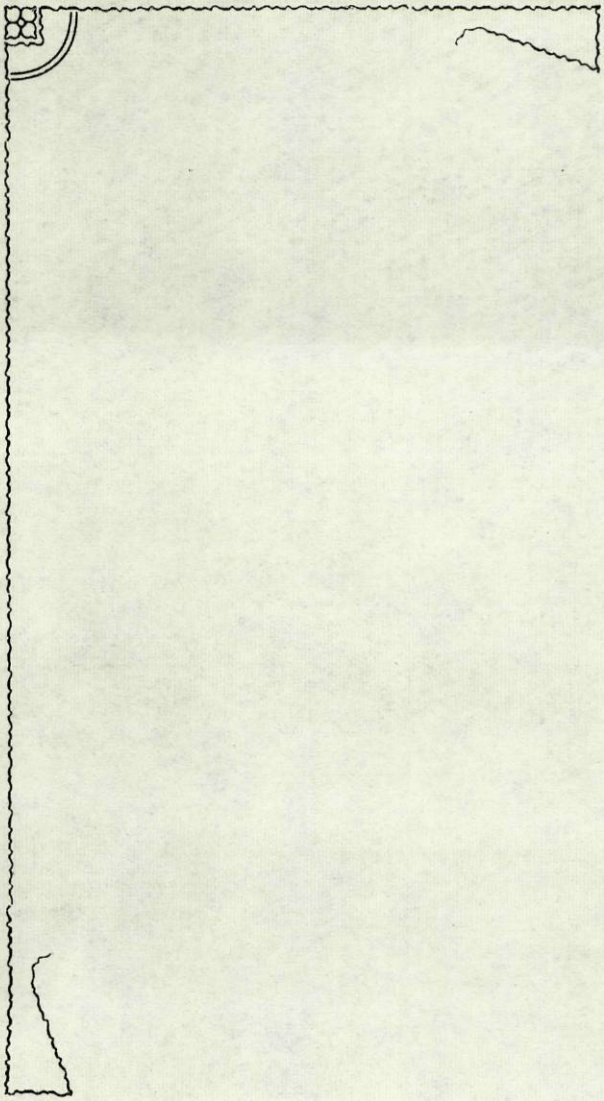
Faculdade de Medicina do Pôrto

Homenagem de muita consideração.

Ao Ex.mo Professor

Dr. A. A. Mendes Corrêa

Homenagem de reconhecimento e consideração.



No Museu de Anatomia desta Faculdade havia uma pequena colecção de crânios da India Portuguesa, ainda por estudar.

Como me viesse dedicando a trabalhos desta natureza, tendo iniciado os meus estudos sôbre as Castas da India por ocasião da defesa da minha tese na Escola Médico-Cirúrgica de Nova-Gôa, pensei estuda-los após a autorização do Snr. Professor Dr. Pires de Lima, e mandei vir mais crânios para completar o número total de vinte. É pouco—mas foi o mais que se poude obter. Só quem conhecer a superstição eschatológica e a forma como ela vigora na India é que poderá avaliar a dificuldade que há em obter crânios identificados. Violar uma sepultura era afrontar a tradição de um povo.

É muito escassa a bibliografia dos estudos antropológicos da India Portuguesa, e entre êles são apenas de mencionar um trabalho sôbre o "Indígena de Satary„ de Fonseca Cardoso e um estudo "Sôbre alguns crânios da India Portuguesa„ do Prof. Dr. Mendes Corrêa. Além disso há uma memória inédita do Dr. Bettencourt Ferreira sôbre alguns crânios indianos pertencentes ao Museu de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Sciên-

cias de Lisboa, o qual me foi amavelmente cedido pelo seu autor.

Ora, com tão resumida bibliografia sôbre um assunto em que tem sido emitidas as mais variadas opiniões que ainda não chegaram a dar uma solução satisfatória, arriscada emprêsa era meter-me em um trabalho desta natureza. Por um lado, o infinito número de concepções e de teorias era o dédalo, o labirinto em que fàcilmente se perderia, como em uma noite de treva, o mais equilibrado espírito humano. Por outro lado era o aviso, o conselho, quási uma ameaça de Vacher de Lapouge: "*pour faire de la sociologie, il suffit d'un peu d'imagination, de quelque culture philosophique et d'avoir lu les classiques de la sociologie. Une réputation de sociologue n'est ni longue ni difficile à faire. Il est un peu plus long et plus laborieux de devenir anthropologiste*„ ...

Em face destas dificuldades, e principalmente quando as opiniões são várias e por vezes desencontradas, a mais firme vontade e a mais tenaz perseverança, sentem-se enfraquecidas, aniquiladas. Mas era preciso agir — decidir. Que fazer? Desistir

era capitular. Foi então que me resolvi a arcar com as responsabilidades que comporta um trabalho desta magnitude. E propuz-me estudar serenamente, sem ideias preconcebidas, sem *parti-pris*. A dificuldade maior estava precisamente no campo das susceptibilidades que eu não desejava ferir, porque a questão de castas representa para o povo indiano uma espécie de mito que se aceita sem discussão. A tarefa tornava-se cada vez mais árdua? Embora! A própria dificuldade que um trabalho oferece é o estímulo indispensável para o realizar.

Quando por fim resolvi vencer inabalavelmente todas as dificuldades que se me apresentassem, dirigi-me aos Snrs. Professores Drs. Pires de Lima e Mendes Corrêa, que prontamente, galhardamente me ofereceram todo o seu valioso auxílio. O Prof. Mendes Corrêa, porque os seus múltiplos afazeres de catedrático não lhe permitiam acompanhar os meus trabalhos, mandou pôr à minha disposição todo o instrumental do Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto, e incumbiu de acompanhar os estudos o Dr. Alfredo Ataíde, que o fez com uma gentileza que comove.

Por toda a parte só encontrei boa vontade, auxílio, cooperação. E de todos os que me ajudaram a completar êste trabalho, permito-me a liberdade de especialisar o Prof. Dr. Mendes Corrêa que nunca me recusou o seu auxílio que muitas vezes me foi necessário, o Prof. Dr. Henrique de Vilhena, que amavelmente poz à minha disposição a biblioteca do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, e o Prof. Dr. Pires de Lima, cuja bondade o levou a dar-me a sua valiosa colaboração, principalmente na descrição anatómica dos crânios que são o objecto dêste estudo, fazendo-o por uma forma tal que soube dar-me a ilusão de que trabalhava com um camarada meu, esbatida toda a distância que separa um lente de um discípulo. É por esta razão que eu só agora sinto, como nunca havia sentido, a falta de um vocábulo na nossa língua, aliás dotada de uma plasticidade admirável, — vocábulo próprio que pudesse traduzir e dar a ideia exacta da minha gratidão por aquele a quem de direito pertence êste livro.

*
* *

O problema das castas tem sido diversamente encarado e interpretado. Não bastava porisso investigar apenas as suas remotas origens, arranca-las da névoa da história e saber como foi que elas nasceram. Tornava-se indispensável conhecer a sua influência na sociedade indú, e era mister, portanto, não tratar a questão exclusivamente sob o ponto de vista antropométrico, enquadrando os tipos nos grupos raciais a que pertencessem pelos seus caracteres métricos. Era também mister explicar como era que as castas, não passando de uma convenção social, permaneciam imutáveis, cristalizadas no decorrer do tempo, furtando-se à influência das inflexíveis leis de evolução — à tendência universal da renovação social.

Em 1789 dava-se em França o início da derrocada dos velhos moldes sociais, e a revolução triunfante eliminava os privilégios e as prerogativas feudais. Das cinzas ainda fumegantes do

incêndio que a revolução ateara erguia-se o novo edifício social, assente no princípio da igualdade de todos os cidadãos. Do alto da máquina do Dr. Guillotin rolavam as velhas instituições, jerarquias e privilégios. Foi abolida toda a nobreza que as virtudes individuais não justificassem; e foi perseguido o clero, essa oculta e mágica fôrça espiritual, poderoso esteio da velha usança. Lançou-se ao mundo êsse *cri d'affranchissement,* a célebre Declaração dos direitos do homem e do cidadão, que proclamava e reconhecia que todos os homens nascem e são iguais em direitos, como a liberdade, a propriedade, a segurança individual, a resistência à opressão e o livre câmbio de ideias e de opiniões. Êste formidável movimento de reforma social teve a sua natural repercussão em quási todo o mundo, pela supressão dos pequenos estados feudais que se fundiram para formar nacionalidades, como sucedeu principalmente na Alemanha e na Itália.

Também na India, no milénio anterior à era de Cristo, um príncipe de sangue que voluntariamente renunciara a todas as galas da sua côrte, apoz longos anos de meditação passados na solidão dos bosques, veio ao seio das multidões prègar a sua

nova doutrina de renovação social. Buda exprobou as vaidades terrenas, prègou a prática da virtude e do bem, aconselhou a supressão de todos os desejos e combateu as diferenças sociais que uma sã moral não justificassem. Não atacou directamente o regime de castas, — e limitou-se apenas a fundar monasteiros onde eram admitidos todos os seus sectários, vivendo em perfeita comunidade, sem distinção de castas. Todavia, a despeito da sua doutrina igualitária, as castas subsistiram. Porquê? *Très lentes à se former* — escreve G. Le Bon — *les institutions sont très lentes aussi à disparaître. Devenues depuis longtemps des erreurs évidents pour les esprits instruits, elles restent pour les foules des verités indiscutables et poursuivent leur oeuvre dans les masses profondes des nations. S'il est difficile d'imposer une idée nouvelle, il ne l'est pas moins de détruire une idée ancienne. L'humanité s'est toujours cramponnée désespérément aux idées mortes et aux dieux morts.*

E na india em geeral,
haa costumes desuairados,
hũos dos outros desuiados,
tanto como bem & mal,
entrelles muy costumados:

GARCIA DE RESENDE
Miscelania e variedade de Historias.

O Problema das castas

Light, oh where is the light? Kindle
it with the burning fire of desire!
—R. TAGORE.

A grande península industánica, cuja superfície é de cêrca de quatro milhões de quilómetros quadrados, é povoada por 317 milhões de habitantes que, quási na sua totalidade, se acham divididos em classes, chamadas castas.

A palavra portuguesa *casta* que os ingleses e os franceses adoptaram, corresponde ao vocábulo *jaty* ou *varna* que significa côr, e dá a entender que as diferenças de castas se estabelecem sôbre as diferenças de côr, como pretendia Paul Broca. Ora a côr é de todos os caracteres somáticos o mais instável, notando-se que a sua variabilidade está em grande parte sujeita à variabilidade da influência actínica. Mas a côr não pode ser considerada como um elemento principal de classificação, porque mesmo nos cruzamentos de várias raças e de povos de côres diferentes não se observa rigorosamente a lei de Mendel, como demonstram Émile Guyénot e Étienne Rabaud.

Do encontro de duas raças diferentes, quando foi da

invasão ariana da India resultou provavelmente o estabelecimento do regime de castas, ao qual se atribuiu mais tarde uma origem divina para mais fàcilmente poder actuar, radicar no espírito essencialmente crédulo das multidões. "Em tempos muito remotos, — escrevera eu — cuja data precisa se ignora, a parte setentrional da India sofreu a invasão ariana. Êste povo, cujas características étnicas eram consideravelmente diferentes das da população autoctone da India, estabeleceu-se na região ocupada, vivendo em agrupamentos de carácter restritivo (talvez por uma repulsão natural, instintiva, quási orgânica), formando clans e tribus, características da civilização ariana — células primordiais da organização social moderna. Anos depois uma segunda incursão ariana se fez para o interior da península, não pela via habitual do noroeste, mas passando por Gilgit e Chitral. As dificuldades de trânsito obrigaram os invasores a reduzir consideravelmente o número de mulheres que consigo levavam, forçando-os a cruzarem-se com mulheres indígenas de raça drávida, de *couleur foncée,* originando assim o grupo ário-drávida.

"Com o decorrer do tempo os arianos não deixaram de sentir os efeitos prejudiciais dêste cruzamento feito em grande escala; e prevendo o perigo de se verem totalmente absorvidos pela população aborígene, como medida repressiva estabeleceram o regime de castas, unicamente baseado na restrição de cruzamento com restrição de ocupação ou de profissão, satisfazendo a lei biológica da conservação da espécie e a lei económica da divisão de trabalho".

O regime das castas não é apenas uma organização social privativa da India. Existiu também no Egito e na Pérsia, bem como em quási todas as regiões invadidas pelos povos arianos. "*In Egipt and also in Persia* — es-

creve Vaidya—*there were classes based on differences of occupation. The tendency to restrict marriage to the same class belonged to the Aryan race generally and its traces may be discovered not only among the Iranians but among the Romans also who did not primarily allow marriage relations between the Patricians and the Plebeians. It seems probable that while that tendency was soon supplanted or destroyed altogether among other sections of the Aryan race it developped to an extraordinary extent under the peculiar circumstances of India*».

Mas no código de Manú as castas estão divididas em quatro grupos profissionais: *brâmane* (sacerdotal), *châtria* (militar), *vaixia* (industrial) e *sudra* (serviçal). De todas estas quatro castas só a casta brâmane é um agregado social endogâmico, com restrição absoluta de cruzamento com outras castas, consideradas inferiores.

A partir do momento em que às castas foi atribuida uma origem divina, fazendo-as proceder de diferentes partes anatómicas de Brahma, o Creador, elas apresentaram-se à consciência crédula das multidões como uma lei divina que se não podia infringir. Tudo se lhe submeteu incondicionalmente, tendo-se cada grupo integrado nos misteres correspondentes que lhes tinham sido impostos. Ao brâmane foi confiado o ensino dos Vedas e a prática de sacrifícios; ao châtria foi marcado o dever de proteger o povo e o de não se entregar aos deleites sensuais; ao vaixia foi permitido comerciar e cultivar os campos; e ao sudra foi ordenado servir as classes precedentes. Como se vê, era a selecção económica dos valores pela divisão do trabalho,—característica inconfundível da civilização ariana. Escreve Charles de Ujfalvy: "os Arias eram compostos de um grande número de pequenas tribus heterogéneas, aliadas entre si, que, apesar de compostas de gente quási nómada

como pastores e agricultores, possuiam todavia uma civilização definida, e tinham uma forma administrativa muito desenvolvida, achando-se divididas em três castas pelo menos: os sacerdotes, os militares e os agricultores".

Mas as castas não tiveram por origem unicamente o princípio da divisão do trabalho; elas resultaram também em grande parte da relutância natural dos loiros arianos invasores em cruzarem-se com o drávida ou o aborígene de côr escura. Dêste conflito de côr nasceu o qualificativo de sudra ao tipo autoctone, e os árias puros como os ário-drávidas dividiram-se em três castas. Êste sistema de divisão social tão simples na sua origem, complicou-se a partir do momento em que teve a sua codificação nas *Sastras* de Manú, onde foi abolido o entrecruzamento e a vida em comunidade. Todas as outras tribus que ainda não tinham adoptado o regime de castas foram constrangidas a fazê-lo, porque estas tribus de *out-castes* não podiam viver em comunidade com as que tivessem adoptado o regime das castas. Foi assim que estas se multiplicaram por uma forma espantosa, tendo nascido castas correspondentes aos misteres e às diversas confissões religiosas. E o regime de castas, dando a medida da capacidade administrativa do povo ariano, aproveitava e mobilizava utilmente os valores sociais pela selecção das aptidões. "*Le système des castes fermées,* — escreve V. de Lapouge — *spécialisées, sous-espèces artificielles, est le dernier mot de l'évolution. Il comporte l'adaptation parfaite de chaque groupe à sa fin spéciale, c'est la division du travail sous la forme la plus adéquate*".

Sôbre as origens das castas foram apresentadas as mais variadas teorias. Cada autor interpretou-as de uma forma — e as opiniões variam de autor para autor. "Se a

minha teoria fôr justa — escreve Sir Denzil Ibbetson — temos a seguinte marcha do processo pelo qual a casta evolucionou no Panjab: 1.º) as divisões em tribus são comuns a todas as sociedades primitivas; 2.º) as corporações baseadas na ocupação hereditária comum ao viver médio de todas as comunidades; 3.º) a exaltação da profissão de sacerdote a um gráu sem exemplo em outras terras; 4.º) a exaltação da função eclesiástica *(the Levitical blood)* por uma insistência especial sôbre a natureza necessàriamente hereditária da profissão; 5.º) a transmissão dêste princípio pela elaboração das teorias da crença indú ou pela elaboração de princípios que regulavam o casamento e o entrecruzamento, declaravam como sendo impuros certos alimentos e determinados misteres, marcavam as condições e o gráu de intercâmbio social permitido entre várias castas».

Nesfield deixa entrever na sua classificação a ideia de que é sómente na profissão que assenta a base de todo o sistema de castas da India. "A casta — escreve êle — é uma classe unida pelo casamento *(a marriage union)*, cujos componentes provieram de várias tribus heterogéneas ou de várias outras castas formadas por um processo análogo, em virtude de terem trabalhado em comum em uma mesma indústria ou em uma mesma profissão, quer civil quer religiosa. O regulamento interno, que prescreve as regras dos associados àcerca do casamento e da vida na comunidade, teve a sua origem no modo de vida social das tribus muito anteriores ao regime de castas, e determinou a reunião dessas tribus em uma nação, sob o mesmo domínio».

Na opinião de Sénart a casta é o desenvolvimento normal de antigas instituições arianas, que tomaram esta forma na luta da adaptação. Escreve êle: "Os arianos avançam no seu novo domínio. Encontram-se

em face de um povo de côr escura e inferior em cultura. A preocupação da segurança própria e o desdem pelos vencidos, exaltam nos vencedores o exclusivismo nativo, e reforçam todas as crenças e todos os preconceitos que protegem a pureza dos grupos em que se dividem. A população autoctone é repelida em massa, e sòmente os prendem os laços de subordinação. As ideias religiosas dos invasores tomam desenvolvimento, mas não para elevar os vencidos ao seu nível. Contudo, espalhando-se pelas terras em que os seus clans não são protegidos por quaisquer limites naturais, os invasores dispersam-se; fraccionados em conseqüência das lutas, os agrupamentos primitivos desunem-se, e o vigor do princípio genealógico que os unia ficou comprometido. Com o decorrer do tempo sentiram a necessidade de uma vida mais tranqüila. É nas regiões de vida pastoral e agrícola que se estabelecem para uma vida mais sedentária. Formam-se grupos de pessoas unidas pelos laços de sangue, porque as leis de família e do clan conservam uma autoridade soberana. Continuam a seguir-se as tradições que a religião sanciona, porêm estes hábitos aumentam as necessidades de uma civilização desenvolvida pelas maiores exigências. Os corpos de estado tambêm são envolvidos nas malhas, seja porque a vida em comum determine uma comunidade de ocupação, seja porque os diversos representantes de uma mesma profissão se vejam forçados a moldar-se em um tipo único de organização usado em volta dêles. Com o tempo dois factos se assinalam: os cruzamentos feitos em larga escala entre raças diferentes, e a infiltração das noções arianas sôbre a pureza na população híbrida e até nas populações puramente aborígenes. Daí resultam duas qualidades de escrúpulos que multiplicam os fraccionamentos, segundo a falta de pureza, maior ou

menor, quer da descendência, quer das ocupações. Conservam-se os antigos princípios da vida familial — e multiplicam-se os factores que geram os agrupamentos: profissão, religião, etc., a par do primitivo princípio de consanguinidade. Os grupos cruzam-se e entrecruzam-se. Sob a influência da acção das próprias tradições e das ideias que vão buscar à civilização ariana, as tribus aborígenes, à medida que renunciam a uma vida isolada e selvagem, determinam a produção de fraccionamentos novos. A casta começa a existir desde essa data.

Na opinião de Ramãprasãd Chanda as quatro *varnas* tinham sido consideradas como quatro espécies diferentes, e não como quatro diferentes grupos de uma mesma espécie. A concepção de que a diferença entre diversos grupos de homens era congénita e não artificial, era baseada no facto de os primitivos grupos sociais conhecidos dos Árias (os sacerdotes, os *yajamãnas* e os aborígenes irreligiosos) serem actualmente diferenciados dos outros grupos pela côr e por outros principais caracteres físicos. Êste critério de diferenciação das raças, baseado nas diferenças da côr, representa *the basis of fact* na frase de Risley, quanto ao desenvolvimento do sistema de castas. Quando os escravos foram considerados como um grupo separado denominado Sudra, e quando os componentes do grupo *yajamãna* foram considerados como um grupo social à parte denominado Vaixia, o princípio das diferenças da raça, de côr e de vida social, teve a sua natural repercussão, — os vaixias e sudras foram considerados como pertencendo a *varnas* diferentes. A estes dois elementos, o facto e a ficção, juntou-se um terceiro elemento, a hereditariedade da função, praticada nas tribus Richis. A diferença rial ou fictícia de côr ou da raça, juntamente com a hereditariedade da função, originou o sistema de castas.

Para C. V. Vaidya, a organização social ariana assentava no princípio de selecção das aptidões individuais.

Quando os Árias invadiram a India, acharam-se em face de aborígenes drávidas de côr escura, e para impedir que fôssem absorvidos pela população autoctone, estabeleceram o regime de castas, baseado na restrição de cruzamento e na restrição de ocupação ou de profissão. Mas a casta era um sistema social peculiar ao povo ariano, e levado para a India por ocasião das invasões indo-áricas. *We have already stated*—escreve êle—*that the Indo-Aryans came into India with the incubus of caste upon them.*

Poderia ter multiplicado as opiniões,—mas as já citadas são bastantes para se aquilatar do valor das teorias da formação das castas. A teoria de Sir Denzil Ibbetson, se por um lado assinala a evolução das castas no Panjab, por outro lado evita, por cautela talvez, de explicar ou definir quais as condições ou as circunstâncias que as determinaram. Esta teoria não é mais do que a constatação banal de factos existentes, que uma observação mais ou menos superficial poderia fàcilmente surpreender. A teoria de Nesfield tem o defeito de exclusivismo, parecendo atribuir unicamente à selecção das aptidões a diferenciação dos grupos sociais em castas. Para Sénart as castas resultam de uma luta de adaptação das instituições arianas. A sua teoria, se tem a vantagem de explicar a formação das castas, baseando-se na documentação histórica das invasões arianas, tem a deficiência da visão unilateral, por atribuir às castas, como sua provável origem, apenas o critério biológico de conservação da espécie. Ramãprasãd Chanda supõe que as castas são devidas ao facto de os arianos invasores terem estabelecido o regime de fraccionamento

em grupos, baseado sòmente nas diferenças da côr. E C. V. Vaidya julga que as castas são uma organização social ariana, levada para a India quando foi das invasões indoáricas, e desenvolvida em um sentido diferente do das outras regiões tambêm invadidas pelos arianos.

De todas estas teorias, conquanto nenhuma delas explique ou justifique a persistência do regime das castas, parece ser mais aceitável a de C. V. Vaidya. Segundo a opinião dêste autor, as castas resultaram não sòmente do encontro de duas raças diferentes, o que levou os arianos a estabelecerem o regime de endogamia, afim de se não diluirem na massa dos vencidos que, pela sua superioridade numérica os poderia absorver por completo, mas tambêm porque os povos invasores traziam consigo o gérmen da sua civilização: o fraccionamento em grupos, baseado no princípio da selecção das aptidões, para o melhor aproveitamento dos valores sociais. Mas porque foi que o encontro dos povos arianos com raças diferentes, só na India determinou o regime de castas? "Whenever in the history of the world —escreve Risley— one people has subdued another, whether by active invasion or by gradual occupation of their territory, the conquerors have taken the women of the country as concubines or wives, but have given their own daughters in marriage only among themselves. Where the two peoples are of the same races, or at any rate of the same colour, this initial stage of what we have called hypergamy soon passes away, and complete amalgamation takes place. Where, on the other hand, marked distinctions of race and colour intervene, and especially if the dominant people are continually recruited by men of their own blood, the course of evolution runs on differentes lines. The tendency then

is towards the formation of a class of half-breeds, the result of irregular union between men of the higher race and women of the lower, who marry only among themselves and are to all intents and purposes a caste».

Como se vê, os arianos, quando se estabeleceram no seu novo domínio, fraccionaram-se em grupos que, parece, não deixaram de obedecer a uma determinada diferenciação de natureza étnica. Escreve Charles de Ujfalvy: "on peut soutenir, à priori, que les Brahmanes et les Ksatrias étaient issus des grands dolico-blonds; tandis que les Vaycyas, probablement le grand nombre de ces immigrants, étaient d'une race absolument différente que seule la couleur de la peau faisait ressembler aux Aryas».

Quando na vida administrativa dos novos domínios arianos passou a vigorar o regime de divisão de trabalho, as castas começaram a empolgar cada vez mais a consciência colectiva, por forma a domina-la completamente. Á medida que os anos iam passando no *roulement* incessante do tempo, a simples aceitação tácita dessa organização social convertia-se em uma convicção firme de que havia uma barreira insuperável, que dividia os povos em classes sociais devidamente hierarquisadas. E para que essa convicção enraizasse ainda mais na inconsciência opaca das multidões, Manú, atribuindo às castas uma origem divina, marcando-lhes deveres e preceitos a cumprir, cavou mais fundo ainda pela endogamia a barreira que as separava, e acentuou melhor as diferenças pelo impedimento da vida em comum,—pois era defeso ao sudra comer em casa de um brâmane! Daí por deante o regime de castas tornou-se uma crença, que rapidamente se infiltrou na alma das multidões, se espalhou e se alastrou por toda a parte, submetendo incondicionalmente tudo ao seu domínio,—à sua tirania. *Une croyance*—diz G. le Bon—*est une acte de foi*

d'origine inconsciente qui nous force à admettre en bloc une idée, une opinion, une explication, une doctrine.

A prègação desta crença gerou a doutrina do Bramanismo, pela qual se reconhecia o regime de castas, que passavam a tornar-se cada vez mais fechadas. Estabeleceu-se a endogamia. Os grupos fraccionados nem pelos laços de amor podiam unir-se,—pois ficavam incursos nas penas severas da transgressão. E resolveu-se então que o filho que nascesse da ligação de um brâmane com uma sudra ficasse pertencendo a uma casta diferente da dos progenitores, da mesma forma como um filho dum chátria com uma sudra.

As castas vão-se multiplicando. E as diversas tribus que ainda não tinham adoptado êsse regime vêem-se forçadas a fazê-lo—porque os *out-castes* ficavam, pela sua natureza, seleccionados dos seus vizinhos que viviam sob o regime de castas. A multiplicação cresce ainda mais, e a par de certas tribus que, sob a influência da ortodoxia indú, vão adquirindo o mesmo modo de vida social, outras tribus vão adoptando o tipo de casta correspondente às suas funções ou profissões. Também nascem castas provenientes da diversidade de seitas religiosas, e outras ainda que usam o nome de um animal, de uma planta ou qualquer outro objecto, o que lhes impõe a obrigação de os venerar.

A convicção de que as castas resultam de uma determinação da vontade divina cada vez mais se foi arraigando no espírito essencialmente crédulo das multidões. As fantásticas lendas do misticismo de castas, que a tradição recolheu, permitem-nos ver a forma como a noção das castas ganhava terreno na alma ingénua e religiosa do povo, que, possuido de convicção inabalável—dir-se-ia uma certeza absoluta!—de que as castas provieram, de facto, de diferentes partes do corpo

divino de Brahma, e obsecado pela cegueira da exaltação da fé mística, acreditava na possibilidade da diferenciação das castas baseada nas diferenças da qualidade moral. É assim que a lenda de Nahusha Saptarshi, descrita no Mahabharata, nos revela a crença daquele tempo em que se definia o brâmane como uma pessoa dotada das mais excelsas virtudes, como a probidade, liberalidade, gratidão, sã conduta, bons sentimentos, vida austera e piedade,—como se fôsse possível os bons ou os maus sentimentos serem o apanágio de um grupo, de uma classe ou de uma seita!

Foi essa crença que deu às castas a razão da sua existência, e elas perduram ainda hoje na vida social indiana. Nascidas de uma sábia medida de ordem administrativa, elas fàcilmente se tornaram um mito, ao qual, uma multidão fanática e brutalizada pela exaltação da fé religiosa nunca jámais deixou de subordinar-se. E a julgar pela forma como actualmente vigora o regime de castas, êle não é mais do que uma *mentira convencional da civilização indiana,* como diria Max Nordau. *Il y en a plusieurs*—afirma Pascal—*qui errent d'autant plus dangereusement, qu'il prennent une verité pour le principe de leur erreur. Leur faute n'est pas de suivre une fausseté, mais de suivre une verité à l'exclusion d'une autre.*

*
* *

A doutrina bramânica admitia a superioridade da classe sacerdotal, considerada a classe intelectual por excelência. Ela estabelecia o princípio de que às castas presidia o direito divino de nascimento, e que os cara-

cteres que as separavam umas das outras se transmitiam por hereditariedade. Esta doutrina influiu por tal forma no espírito do povo, que até o braço armado do châtria vergava perante uma fôrça superior, que o intelecto representa.

Á força de se pôr em prática êste princípio, resultou naturalmente o convencimento de que na verdade havia diferenças psicológicas que, mais que quaisquer outras diferenças, levavam à mais rigorosa observância da separação dos grupos sociais. Esta convicção não era apenas privativa da India: Ela existiu sempre em todos os tempos e em todos os logares. Escreve Ernest Seillière: "toda a sociedade é baseada nas três classes primitivas, representando cada uma delas uma variedade étnica: a nobreza, imagem mais ou menos exacta do povo conquistador; a burguesia, composta de indivíduos que apresentam alguns dos caracteres da raça dominante; e a plebe, escravos ou dominados, proveniente de uma variedade humana inferior. Essas *noções radicais* tendem a desaparecer da sociedade europêa, mas o espírito de sabedoria que fizera delas a base da organização social permaneceu. Êle existe ainda, e nunca deixou de manifestar essa tendência, pelo menos onde tem razão de existir".

Estas "noções radicais" existem sempre entre os povos, qualquer que seja o gráu da sua civilização. O fraccionamento em classes não representa apenas o espírito solidário de associação, a característica essencialmente humana da sociabilidade, mas também a selecção de indivíduos produzida pelas afinidades espirituais, como sucede com a nobreza. E entre povos mais avançados, apesar do regime de democracia, não deixa de existir a selecção baseada nas diferenças da natureza moral ou psicológica.

Também na India existe esta selecção de classes, ainda que de uma forma diversa, constituindo castas. E se as castas tiveram por origem uma simples medida de ordem administrativa ou uma diferença de natureza étnica, se as castas foram desde o princípio uma simples ficção, hoje em dia elas acham-se realmente separadas umas das outras, a tal ponto que até na parte cristianizada ainda hoje existe uma certa relutância no casamento de pessoas de castas diferentes. E porque? Porque a convicção de que a diferença das castas se baseava na diferença da qualidade moral que fôra atribuida a cada casta se manteve íntegra atravez dos tempos, transmitida pela tradição.

Facto idêntico se manifesta também dentro das seitas religiosas—cada umas delas sinceramente convencida da pureza e da *verdade* da sua teogonia, a ponto de cavarem bem fundo o abismo que as separa umas das outras. E o regime de castas pouco mais será do que um capítulo da teogonia indú. Tem muita razão G. Tarde quando afirma que "é bem certo que cada acto novo de imitação tende a conservar ou fortalecer o liame social, não sòmente entre indivíduos já associados, mas também que entre indivíduos ainda não associados, êle prepara a associação de futuro, quere dizer, tece desde já com fios invisíveis o que virá a ser um liame manifesto".

Se é verdade que a casta bramâne se esforçou (como foi afirmado algures) por conservar *à outrance* o regime das castas, afim de assegurar a superioridade que lhe tinha sido marcada e afirmar a sua supremacia; se de facto foi esta a razão porque as castas resistiram aos golpes de camartelo da filosofia budista, não é menos certo que hoje em dia, pela forma como elas vigoram, pouco ou nada perderam do seu cunho primitivo.

Se as castas ainda hoje subsistem, com o mesmo espírito intransigentemente separatista dos tempos primitivos, é porque lhes assiste a sanção religiosa e jurídica. Pois se lhes tivesse sido retirada esta sanção, era bem possível que êste separatismo de castas se fôsse atenuando, até se ir extinguindo por completo, com o decorrer do tempo que tudo faz esquecer.

Elas prevalecem, não porque estejam de facto diferenciadas pela sua natureza psicológica, o que não poderia suceder visto que se não baseiam nas diferenças de ordem profissional, visto que a casta não representa um impedimento para o exercício de qualquer mister, — mas sòmente porque prevalece o preconceito, transmitido pela hereditariedade, à guisa de uma herança. "Não há necessidade, creio — escreve Vacher de Lapouge — de factos mais concludentes que os da hereditariedade psíquica. Não é necessário reportar aos numerosos trabalhos que a êsse respeito teem sido publicados nos últimos tempos, pois basta uma auto-análise cuidada para se ter a convicção firme e bem firme». E é esta a opinião de Ch. Letourneau: "negar ou exagerar a influência das instituições, do meio social, sôbre o carácter de um homem ou de uma raça é imprudente. Cada indivíduo nasce com o fundo moral herdado; e êsse fundo será, em toda a sua vida, a base da sua natureza. Se é certo que a educação não deixa de corrigir de certo modo êsses instintos transmitidos pelos antepassados, é sabido que a sua acção é limitada».

...O que é certo, porêm, é que a supremacia da casta brâmane ainda hoje persiste. "Aconteceu na sociedade indú — escreve Lopes Mendes — o mesmo fenómeno que se opera em todas as sociedades — a direcção da fôrça pela ideia, o predomínio da inteligência sôbre a

ignorância. A casta bramânica tinha e tem conhecimentos superiores aos das outras castas, e porisso as domina e governa». E o Prof. Majumdar acrescenta: *"Last but not of the least importance is the fact that the day of the undoubted supremacy of the Brâhmans over all other castes was not yet».*

Craniometria

Il n'y a au monde presque pas de groupe ethnique, pas de peuple, se distinguant par un type somatologique unique. Presque partout, on se trouve en présence de deux, trois ou plus de sous-races, de sous-tipes ou de variétés, dans des proportions différentes.

Dr. H. ten Kate

Mélanges anthropologiques.

> The measurement of physical characters occupies a prominent place, and it seemed that the restrictions on intermarriage, which are peculiar to the Indian social system, would favour this method of observation, and would enable it to yeld peculiary clear and instructive results.—HERBERT RISLEY —*The people of India.*

A imensa população da India, pela diferença dos seus caracteres somatológicos, pode ser dividida em sete principais tipos ou grupos: o tipo turco-iraniano, o tipo indo-ariano, o tipo scito-drávida, o tipo ário-drávida, o tipo mongolo-drávida, o tipo mongólico e o tipo drávida. Alêm dêstes tipos há também a considerar o tipo ou grupo propriamente Negrito, que a pouco e pouco se foi diluindo na massa enorme, por ocasião dos tempos da conquista. Alguns autores, porêm, julgam, que o negrito é aborígene de certas regiões da India, e outros há que afirmam ser oriundo do continente africano,—pois o continente africano estava ligado à India pela velha Lemúria, desaparecida como a Atlântida, e que se extendia desde Madagascar até ao Arquipélago malaio, segundo a hipótese de Sclater.

O tipo *turco-iraniano* tem a estatura acima da média; as feições do rosto mais ou menos regulares; os olhos geralmente escuros; a barba abundante; a cabeça larga; o nariz delgado, proeminente, mas não muito

comprido. O índice cefálico oscila entre 80 e 85 em média, sendo a máxima 87 e a mínima 69. O índice nasal oscila entre 67,8 e 80,5. O índice órbito-nasal oscila entre 111 e 118. A estatura varia entre 1,62 e 1,72.

O tipo *indo-ariano* tem a estatura geralmente alta; as feições mais ou menos regulares; os olhos escuros; a barba abundante; a cabeça comprida; o nariz delgado, proeminente, mas não muito comprido. O índice cefálico oscila entre 64 e 86, sendo a média normal variável entre 72,4 e 74,4. O índice nasal oscila entre 66,9 e 75,2. O índice órbito-nasal oscila entre 113,1 e 117,9. A estatura varia entre 1,65 e 1,90.

O tipo *scito-drávida* tem a cabeça larga; as feições mais ou menos delicadas; a barba não muito abundante; a estatura mediana; o nariz sensivelmente afilado e não muito comprido. O índice cefálico oscila entre 72,0 e 81,9. O índice nasal oscila entre 72,0 e 81,9. O índice órbito-nasal oscila entre 113,1 e 120. A estatura varia entre 1,60 e 1,69. Êste tipo distingue-se do tipo turco-iraniano pela sua estatura mais baixa, pela sua forma de cabeça que é mais comprida, pelo seu índice nasal mais alto, pelo seu nariz mais curto, e pelo índice órbito-nasal mais baixo.

Todos estes caracteres, à excepção talvez do último, são provavelmente dependentes da diversidade de gráu de mistura com os Drávidas.

O tipo *ário-drávida* ou *hindustâni* resulta provavelmente do cruzamento em gráu variável entre o tipo indo-ariano e o tipo drávida, predominando o primeiro entre as classes sociais mais elevadas, e o segundo nas classes mais baixas. Tem a cabeça comprida; a côr do rosto varia entre o moreno-escuro e o preto; o nariz tende para longo; a estatura é em geral mais baixa nas classes inferiores. O índice cefálico oscila entre 62 e 90,

sendo a média normal variável entre 72,1 e 76,8. O índice cefálico oscila entre 62 e 90, sendo a média normal variável entre 72,1 e 76,8. O índice nasal oscila entre 73,0 e 88,7. A estatura varia entre 1,59 e 1,66.

O tipo *mongolo-drávida* ou *Bengali* resulta provavelmente do cruzamento do tipo mongólico, e sòmente nas classes elevadas apresenta caracteres de tipo indo-ariano, talvez devido ao cruzamento com êste grupo. Tem a cabeça larga; a côr escura; a barba geralmente abundante; a estatura mediana; o nariz mais ou menos largo. O índice cefálico oscila entre 79 e 83. O índice nasal oscila entre 70,3 e 84,7, e é êste índice que nos indica a maior ou menor predominância do tipo drávida, da mesma forma como o índice órbito-nasal indica a maior ou menor influência mongólica. A estatura varia entre 1,59 e 1,67.

O tipo *mongólico* tem a cabeça larga; a côr escura com tons amarelados; a barba rara; a estatura baixa; o nariz largo; a face caracteristicamente achatada; e os olhos com abertura oblíqua (ôlho mongólico). O índice cefálico oscila entre 72,9 e 80. O índice nasal oscila entre 67,2 e 84,5. O índice órbito-nasal (índice característico) oscila entre 106,4 e 109,1. A estatura varia entre 1,56 e 1,70.

O tipo *drávida* é provavelmente o tipo aborígene, não modificado pelos cruzamentos com os Árias, os Scitas e os Mongois. É um tipo conservado puro. Nos espécimes mais típicos a estatura é baixa; a côr muito escura, aproximando-se do negro; o cabelo muito abundante, com tendência para a carapinha; os olhos pretos; a cabeça comprida; o nariz muito largo, algumas vezes com uma depressão na raiz, mas não a ponto de dar a impressão de uma face larga. O índice cefálico oscila entre 71,7 e 76. O índice nasal oscila entre 69,1 e 95,9.

sendo a oscilação mais freqüente entre 70 e 80. A estatura varia entre 1,53 e 1,70, sendo de notar que a estatura é maior nas classes elevadas, podendo atingir 1,43 nas classes mais baixas.

Esta divisão ou distribuição da população em sete grupos ou tipos principais não quere dizer que não haja, em escala e gráu variáveis, diversas misturas entre êstes sete grupos. Ela é sempre possível e por assim dizer inevitável, principalmente quando se trata de um paiz avassalado por invasões e conquistas, como tem sucedido na India desde os mais remotos tempos que se perdem na misteriosa bruma do período védico. Raça pura, tal como se compreende na mais rigorosa significação da palavra, não existe. Existem grupos de mestiços mais ou menos diferenciados pelos caracteres principais,—e de todos os caracteres métricos, os mais importantes como elementos de classificação, são os índices cefálico e nasal. "O crânio é o que menos se modifica em um povo—afirma Maurice Huck—e transmite-se por uma forma quási imutável de geração em geração. A craniometria é pois um excelente meio para determinar o carácter de uma raça, e entre diferentes mensurações cranianas ou índices, o índice cefálico ou o índice de largura é de muita importância, porque exprime a forma geral do crânio". E F. Frassetto acrescenta: "alguns autores julgavam ver na variação do índice cefálico a base de uma espécie de frenologia de raça; mas tal coisa não só pode actualmente ser justificada por algum facto biológico, como há razões para crer que as variações do índice cefálico são das mais insignificantes sob o ponto de vista fisiológico". Compreende-se bem a importância que nos merece o índice cefálico (ainda que as suas variações sejam insignificantes sob o ponto de vista fisiológico), pela simples

razão de que, mantendo-se quási constante atravez de gerações, a identificação será mais fácil. E o mesmo autor diz ácerca do índice nasal: "a êste índice foi atribuida uma grande importância como carácter de classificação; pois ainda que êle tenha algum valor quando se trata de distinguir o tronco principal do género humano, êle deixa de se tornar importante quando se quer distinguir uma espécie ou uma raça afim. De um modo geral pode dizer-se que os negros da África e da Oceania são platirríneos, que os *gialle* (incluindo o indo-polinésio e o americano) são mesorríneos, e que o branco é leptorríneo.

Giuffrida—Ruggeri, no estudo sistemático das populações asiáticas, baseando-se nas diferenças de estatura, do índice cefálico e do índice nasal no vivo, estabelece a seguinte classificação dos povos nativos da India, resumida no seguinte quadro:

	Estatura	Índice cefálico	Índice nasal
H. Australis Veddaicus. .	1571-1589	74,5-75,1	84,2-89,9
H. Australis Veddaicus Senoicus	1520-1562	75,5-78,7	85,6-91,9
H. Australis Veddaicus Toala.	1573	82.2	. . . . .
H. Pigmaeus Asiaticus . .	1490-1507	77,7-83,7	97,1
H. Pigmaeus Asiaticus Andamanicus	1485	82,9	. . . . .
H. Pigmaeus Asiaticus Philippinensis	1461	85.5	101.9
H. Indo-africanos Dravidicus	1629-1636	71.7-77.3	73,5-77,2
H. Oceanicus (?) Ainu . .	1567-1581	76.5-77.3	. . . . .
H. Indonesiacus	1520-1607	75,5-81,5	77,3-100,4
H. Indonesiacus brachimorphus	1543-1628	82,1-86,0	75,2-92,6

Giuseppe Sergi é de opinião que o habitante da India tem muito mais afinidades com o *Notanthropus eurafricanos* do que com o Heoanthropus. É porêm perfeitamente admissível esta doutrina desde que é sabido existirem na India meridional grupos e núcleos de negritos que atestam talvez a sua primitiva origem africana, apesar de haver quem julgue que o negro é a côr primitiva de um sêr apenas humanisado na forma. Vejamos agora qual é a classificação de Sergi:

Notanthropus (sin. H. afer na Europa): Crânio dolicomorfo, craniometricamente dolicomesocéfalo, ora came, ora ipsicéfalo, com variação elissoidal e pentagonal, de capacidade oscilando entre metrio e megalocefalia. Face came e leptoprosopa, um tanto profatníaca ou levemente prognata; nariz leptomesorrínio; estatura baixa e alta. Crânio bimorfo, de forma longa ou delicomorfo nas espécies de estatura média e elevada, braqui e mesobraquicéfalo em qualquer espécie pigmea; face variando em altura ou largura, ora ortognata, ora prognata ou profatníaca; nariz de lepto a platirrínio; olhos horizontais com abertura palpebral larga e oval; iris de côres várias; cabelo bimorfo, liso, ondeado, e crespo; pele branca e de côr vária; pilosidade abundante em certas espécies e variedades, e fraca em outras; barba rara; estatura elevada, média e inferior à média.

Tal é o tipo Notanthropus de Sergi cujas variedades mencionamos, mas tão sòmente aquelas cujos caracteres antropológicos pareçam de algum modo relacionar-se com os caracteres antropológicos da nossa série. Passamos a mencionar as seguintes variedades:

N. eurafricanus: crânio dolicomorfo, dolicomesocéfalo, com variação elissoidal, pentagonal, beloide; capa-

cidade de metrio a megalocefalia; face proópica leptomesoprosopa ortognata ou mesgonata; nariz leptomesoplatirrínio mais ou menos proeminente; olhos horisontais com abertura palpebral e oval; pele branca, castanha ou achocolatada; cabelos lisos, ondeados, loiros, castanhos ou negros; pilosidade normal ou fraca; barba abundante ou rara; estatura média ou elevada.

N. eurafricanus mediterraneus: crânio de forma longa, dolicomesocéfalo, elissoidal, pentagonal, beloide: capacidade metriocéfala; face leptomeseprosopa ortognata; olhos horizontais, iris escura, castanha ou negra; esclerótica sempre branca; nariz leptomesorríneo, proeminente, variável de forma; pele morena; cabelo escuro, negro, liso e ondeado; pilosidade vária, ora rica ora escassa; barba abundante ou rara; estatura mediana, às vezes elevada ou inferior à média.

N. eurafricanus africus: crânio de tipo longo, dolicomesocéfalo, ou dolicomorfo, com variação elissoidal, pentagonal, beloide; face leptomesoprosopa ortognata proópica; nariz leptomesorríneo; olhos horizontais com grande abertura palpebral; iris negra ou castanho-escura; pele de côr chocolate; cabelos lisos e ondeados; barba rara; pilosidade escassa; estatura de média para cima.

N. eurafricanus dravidicus: crânio dolicomorfo, mais dolico do que mesocéfalo; elissoidal; face mesoprosopa, orto ou ligeiramente prognata; nariz mesoplatirrínio; olhos horizontais, escuros, com abertura palpebral grande; pele de côr escura; cabelo negro, liso, pouco ondeado; barba rara; pilosidade escassa; estatura baixa.

N. eurafricanus australianus: crânio dolicomorfo, mais dolico do que mesocéfalo, de forma arcáica; face mesoprósopa, levemente prognata na forma pura; nariz platirrínio; olhos horizontais; iris negra; pele de côr chocolate escuro; cabelos negros, grossos, lisos, ondeados; barba abundante; pilosidade vária, ora abundante ora fraca; estatura geralmente elevada.

Pigmaeus ceylonensis: crânio longo, dolicocéfalo, elissoidal; capacidade elatocéfala; face mesóprosopa prognata; nariz mesorrínio no esqueleto, platirrínio no vivo; olhos horizontais, negros; pele de côr escura ou negra; cabelos lisos, ondeados, grossos, negros; barba quási nula; pilosidade quási nula; estatura baixa, tipicamente inferior à média.

*
* *

Frassetto deixa ver muito bem que é muito difícil, se não totalmente impossível, procurar distinguir uma espécie da outra. O que se pode fazer portanto é examinar os caracteres métricos de cada indivíduo, e determinar a qualidade e o gráu de sua mestiçagem. É êste o critério que adoptamos para o nosso trabalho.

As nossas medidas obedecem às instruções de Martin, Frassetto, Broca e Aranzadi. Evidentemente que não podiamos seguir rigorosamente as instruções de cada um deles em particular, pois que as medidas e os índices não são os mesmos nos mapas de cada autor. Cada um deles determina os índices que julga ser indispensáveis para as suas conclusões. Achamos também que as nossas medidas não deviam afastar-se muito das

medidas tomadas pelo Prof. Mendes Corrêa no seu trabalho "Sôbre alguns crânios da India Portuguesa", justamente para evitar divergências de métodos nos estudos portugueses sôbre a antropometria de Goa:

Publicamos a seguir o mapa das medidas tomadas sôbre os crânios que constituem o objecto do nosso estudo, e bem assim os quadros dos índices determinados; mas fazemos preceder a publicação dos mapas pela descrição anatómica dos principais caracteres de cada crânio.

*
* *

Crânio 318.—É de um descendente, de sexo masculino, de 50 anos de idade. É dolicocéfalo, camecéfalo (índ. vért.-longo), ortocéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, leptorrínio, hipsicônquio, mesosémio, megalocéfalo, prognata. Tem todos os alvéolos completamente reabsorvidos. Buracos infraorbitários muito amplos. Zigomas salientes. Rebordo orbitário muito irregular e de dimensões exageradas. Apófises marginais dos malares. Arcadas supraciliares salientes. Fossas temporais de superfície irregular. Crânio muito alongado no sentido ántero-posterior e muito pesado. Sutura sagital sinostosada. Apófises mastoideas desenvolvidas. Fossa da veia jugular muito mais desenvolvida à direita. Fossas pterigoideas profundas. Apófises geni exuberantes.

Crânio 317.—É de um sudra, de sexo masculino, de 62 anos de idade. É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), criptozígico,

leptoprósopo, leptorrínio, hipsicônquio, microsémio, megalocéfalo, prognata. Tem a sínfise do mento saliente. Buracos supra-orbitários. Bossas frontais salientes. Ossos vórmios ptéricos. Occipital assimétrico. Ínion desviado para a esquerda. Apófises mastoideas muito pouco acentuadas.

Crânio 316.—É de um sudra. É dolicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), platirrínio, mesocônquio, microsémio, metriocéfalo. Não tem mandíbula. A bossa nasal é saliente. Tem buracos supra-orbitários.

Crânio 315.—É de um brâmane, de sexo masculino, de 42 anos de idade. É dolicocéfalo, camecéfalo (índ. vért.-longo), ortocéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, leptoprósopo, leptorrínio, mesocônquio, megasémio, megalocéfalo, mesognata. Tem a mandíbula muito volumosa, e o bordo inferior fortemente projectado para diante. Angulo de mandíbula muito obtuso. Chanfradura sigmoidea pouco profunda. Tipo exageradamente digestivo. Bossas supraciliares salientes. Sutura sagital completamente sinostosada. Linhas curvas occipitais superiores muito salientes. Abóboda palatina ogival.

Crânio 314.—É de um sudra. É mesocéfalo, fenozígico, megalocéfalo. Faltam-lhe os ossos da face. Dois buracos supraorbitários à esquerda e um à direita. Arcadas supraciliares acentuadas. Glabela deprimida. Bossas parietais muito salientes. Pequeno ôsso vórmio no lambda. Apófises mastoideas desenvolvidas.

Crânio 313.—É de um sudra, de sexo feminino, de 50 anos de idade. É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-

-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, leptoprósopo, leptorrínio, hipsicônquio, microsémio, megalocéfalo, ortognata. Tem um buraco supraorbitário à esquerda. Bossa nasal saliente. Apófises marginais nos malares. Fossas caninas profundas. Mandíbula muito volumosa. Bossas parietais muito acentuadas. Ínion saliente. Apófises estiloideas e mastoideas desenvolvidas.

Crânio 312. — É de um châtria, de sexo feminino, de 17 anos de idade. É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, leptoprósopo, leptorrínio, hipsicônquio, mesosémio, elatocéfalo, prognata. Tem a sínfise do mento saliente. Bordo da mandíbula espêsso. Apófise de Sandifort. Chanfradura sigmoidea pouco profunda. Prognatismo alveolar. Fossas temporais profundas. Bossas parietais muito salientes. Fossa da veia jugular e buraco lácero-posterior mais desenvolvidos à direita. Esboço de sutura incisiva.

Crânio 311. — É de um châtria, de sexo masculino, de 77 anos de idade. É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, leptoprósopo, leptorrínio, hipsicônquio, mesosémio, metriocéfalo, mesognata. Tem a bossa nasal saliente. Dente incisivo inferior médio direito supranumerário, rompendo a face anterior da mandíbula. Sínfise do mento exuberante. Bordo inferior da mandíbula muito espêsso. Apófise marginal do malar muito saliente, sobretudo à direita. Bossas parietais muito salientes. Ínion e linhas curvas occipitais muito nítidas. Apófises mastoideas volumosas. Fossa da veia jugular e buraco lácero-posterior muito mais amplo à direita. Dente de sizo inferior direito incluso no alvéolo; corôa dirigida horizontalmente para dentro, para a raiz do segundo grande molar.

Crânio 310. — É de um descendente, de sexo feminino de 58 anos de idade. É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), microsémio, megalocéfalo. Não tem os ossos da face. Fronte oblíqua para baixo e para traz. Sinostose da parte das suturas coronal e sagital. Bossas parietais salientes.

Crânio 309. — É de um brâmane, de sexo feminino, de 32 anos de idade. Foi oferecido pelo Prof. Dr. Froilano de Melo. É dolicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), microsémio, megalocéfalo. Faltam-lhe os maxilares superiores e o malar esquerdo. Mandíbula com o bordo inferior espêsso, e chanfraduras sigmoideas muito pouco acentuadas. Bossas frontais salientes e bossas parietais muito salientes. Apófises mastoideas pouco acentuadas, e ranhuras digástricas profundas.

Crânio 123. — É de um sudra, de sexo feminino (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, leptoprósopo, platirrínio, mesocônquio, megasémio, megalocéfalo, prognata. Tem canal e goteiras supraorbitárias laterais externas. Mandíbulas volumosas. Prognatismo acentuado. Dente canino superior direito muito volumoso. Apófise de Sandifort. Apófises mastoideas longas. Sinostose completa da sutura sagital, e quási completa da coronal e lambdoidea. A norma verticalis é ovoide de vértice anterior. Ínion muito saliente. Esbôço do terceiro côndilo. Ranhuras digástricas profundas.

Crânio 124. — É de um sudra, de sexo feminino (of.

pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), mesoprósopo, platirrínio, camaecônquio, microsémio, megalocéfalo, mesognata. Tem a eminência do mento muito saliente. Bossas frontais acentuadas. Três buracos malares à esquerda e dois à direita. Apófise marginal de Luska. Ptérion em H deitado. Bordo inferior da mandíbula muito espêsso. Esboço da sutura incisiva.

Crânio 125.—É de Morió, celebre rane de Satary, um dos chefes da revolta de 1915 (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, ortocéfalo, (índ. vért.--longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, camepróspopo, platirrínio, camaecônquio, megasémio, megalocéfalo, ortognata. Não tem mandíbula. Tem buracos infraorbitários muito desenvolvidos. Espinha nasal ántero-inferior saliente. Ossos nasais muito reduzidos. Bossa nasal e relevos supraciliares muito salientes. Dois buracos supraciliares à direita e um à esquerda. Abóboda craniana achatada. Sinostose da parte média da sutura sagital. Bossas parietais salientes e assimétricas, mais desenvolvidas à direita. Sutura lambdoidea e protuberância ocipital externa muito assimétricas. Pequenos ossos vórmios nos astérions e nos ptérions. Apófise falcata de Calori e espinha de Civinini, acentuadas sobretudo à esquerda. Buraco occipital circular. Fossa da veia jugular e buraco lácero-posterior muito mais desenvolvidos à esquerda do que à direita. Espinha do esfenoide muito desenvolvida, sobretudo à esquerda. Tubérculos zigomáticos anteriores muito salientes. Cristas temporozigomáticas salientes e com rugosidades verticais. Faces externas dos malares com uma saliência acuminada e rugosa.

Crânio 126.—É de um descendente, de sexo masculino, de 68 anos de idade (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É mesocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, leptorrínio, mesocônquio, microsémio, megalocéfalo, mesognata. Tem prognatismo mandibular. Apófise de Sandifort. Cóndilos e apófises coronoideas da mandíbula são volumosas. Apófise marginal de Luska. Buraco supraorbitário à direita. Bossa nasal saliente. Linha curva temporal muito acentuada no frontal e no temporal. Norma verticalis assimétrica. Sinostoses das suturas sagital e lambdoidea. Pequenos ossos vórmios na sutura lambdoidea. Linha curva occipital superior muito acentuada. Apófises mastoideas e ranhuras digástricas muito desenvolvidas. Buraco occipital em losango. Fossa navicular da apófise basilar do occipital profunda.

Crânio 127.—É de um châtria, de sexo feminino, de 24 anos de idade (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É mesocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, mesorrínio, camecônquio, microsémio, oligocéfalo, ortognata. Tem a eminência do mento saliente. Bordo inferior da mandíbula espêsso. Buraco supraorbitário à esquerda. Chanfradura sigmoidea larga e pouco profunda. Fossa temporal muito escavada. A norma verticalis e a norma occipitalis revelam uma grande assimetria no crânio. A sutura sagital é dirigida para a esquerda, e a bossa parietal esquerda dirigida para a direita. Apófises estiloideas muito desenvolvidas. O crânio acusa um grande desvio para a esquerda. Tem achatamento na metade direita da escama do occipital e parte vizinha do parietal. O buraco occipital é alongado e assimétrico. (Deformações artificiais étnicas?).

Crânio 128.—É de um châtria, de sexo masculino, de 31 anos de idade (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, ortocéfalo, (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, mesorrínio, camecônquio, mesosémio, megalocéfalo, ortognata. Tem a mandíbula volumosa. Eminência do mento saliente. Malares salientes. Bossa nasal muito saliente. Larga chanfradura sigmoidea da mandíbula. Crista temporo-zigomática muito saliente. Numerosos ossos vórmios ao longo da sutura lambdoidea. Profundas irregularidades atraz do buraco occipital. Apófises mastoideas muito volumosas, e profundas ranhuras digástricas. Forte depressão na lambda.

Crânio 129.—É de um curumbim, de sexo masculino, de 56 anos de idade (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, leptoprósopo, leptorrínio, mesocônquio, microsémio, metriocéfalo, mesognata. Falta-lhe a mandíbula e o malar esquerdo. Tem o dente canino implantado na fossa nasal direita, a coroa encostada ao vómer, e inclinado de cima para baixo, da esquerda para a direita, e de traz para deante. Bossa nasal saliente. Ptérion em X. Bossas parietais salientes e um pouco assimétricas. Ossos vórmios ao longo da sutura lambdoidea. Apófises mastoideas volumosas. Apófises pterigoideas muito altas. Princípio de sinostose na parte anterior da sutura sagital.

Crânio 130.—É de um curumbim, de sexo feminino, de 70 anos de idade (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É mesocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, mesorrínio, mesocônquio, megasémio, elatocéfalo, orto-

gnata. Não tem mandíbula. Tem malares salientes e com apófises marginais. Dois buracos supraorbitários à direita e um à esquerda. Crânio muito assimétrico e disforme. Sinostose das suturas coronal, sagital e lambdoidea. Arcada zigomática esquerda fortemente deprimida. Bossa parietal direita mais saliente que a esquerda. (Deformações artificiais étnicas?).

Crânio 211.—É de Ramachondra Ranes, um dos chefes da revolta que, aos 35 anos de idade, foi morto em Satary (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, ortocéfalo (índ. vért.-longo), ortocéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, mesorrínio, camaecônquio, mesosémio, elatocéfalo, ortognata. Não tem mandíbula. Tem fossas caninas acentuadas. Zigomas salientes. Arcadas supraciliares salientes. Cristas temporais do frontal e cristas temporo-zigomáticas das esfenoides são acentuadas e munidas de uma série de pequenas espinhas. O crânio alarga muito para traz. As bossas parietais são muito salientes e simétricas. Ossos vórmios na sutura lambdoidea. Linhas curvas occipitais são rugosas. Ranhuras digástricas profundas. Buraco occipital em forma de heptágono. Apófises estiloideas desenvolvidas. Apófises falcata de Calori.

Crânio 212.—É de Putú Deuly, um rane revoltado, morto aos 24 anos, juntamente com Gil Saünto (of. pelo Prof. Dr. Froilano de Melo). É dolicocéfalo, hipsicéfalo (índ. vért.-longo), hipsicéfalo (índ. vért.-transv.), fenozígico, mesoprósopo, leptorrínio, camaecônquio, megasémio, megalocéfalo, mesognata. Não tem mandíbula. Tem as zigomas salientes, assim como a bossa nasal e as arcadas supraorbitárias. Crânio inclinado para a direita, e muito assimétrico visto pela norma verticalis e occipitalis.

Bossa parietal direita mais saliente. Ossos vórmios na sutura lambdoidea. Linhas curvas occipitais salientes. Apófises mastoideas e ranhuras digástricas muito acentuadas. Esbôço de sutura incisiva.

QUADRO I

BOLETIM CRANIOMÉTRICO

	Números dos crânios									
	318	317	316	315	314	313	312	311	310	309
Diámetro ántero-posterior máximo	202	177	179	190	180	189	169	177	172	180
» transverso máximo	142	129	126	138	141	130	117	128	125	126
» básio-bregmático	131	133	132	132	?	140	132	136	133	132
» frontal mínimo	110	95	96	103	98	92	92	95	101	93
» » máximo	126	120	113	120	122	119	104	118	116	112
» naso-basilar	112	90	102	105	?	108	97	101	92	102
» básio-alveolar	101(?)	84	?	96	?	98	100	98	?	?
Comprimento do buraco occipital	35	35	38	35	?	36	33	35	35	33
Largura do buraco occipital	29	28	30	31	?	29	28	29	28	27
» bizigomática	132	114	?	124	129	121	120	125	?	?
Altura facial superior	72(?)	71	?	79	?	70	68	69	?	?
» nasal	63	53	51	56	?	52	46	48	?	?
Largura nasal	26	21	30	22	?	22	22	22	?	?
» orbitária	44	39	40	44	?	41	36	41	?	?
Altura orbitária	38	34	33	37	?	35	31	37	?	?
Largura biorbitária externa	106	90	96	100	?	91	90	97	?	?
» inter-orbitária	24	22	23	24	?	27	22	25	?	?

	Números dos crânios									
	318	317	316	315	314	313	312	311	310	309
Comprimento dos molares e prèmolares	?	11	?	11	?	12	?	?	?	12
Curva horizontal total	570	510	500	530	520	530	470	500	500	510
» ántero-posterior	390	390	355	380	370	370	365	350	360	358
Parte frontal	120	125	100	125	120	120	100	110	120	110
» parietal	140	135	130	145	130	130	120	130	130	130
» occipital	130	130	125	110	120	120	145	110	110	118
Largura bicondiliana	125	110	?	117	?	117	110	116	?	96
» bigoníaca	112	92	?	102	?	91	98	94	?	82
Altura sinfisiana	30	30(?)	?	38	?	29	32	31	?	29
» molar	27	27	?	33	?	28	31	29	?	29
» do ramo	66	55	?	52	?	66	46	64	?	57
Largura do ramo	33	25	?	19	?	32	30	31	?	32
Angulo mandibular (em graus)	125	122	?	148	?	108	129	100	?	118
» sinfisiano (em graus)	50	70	?	51	?	77	75	64	?	65
Pêso do crânio (em grs.)	755	500	570	695	?	550	470	525	?	510
» da mandíbula (em grs.)	60	32	?	60	?	75	50	70	?	65

QUADRO I *(Continuação)*

	Números dos crânios									
	123	124	125	126	127	128	129	130	211	212
Diámetro ántero-posterior máximo . . .	190	187	190	185	163	191	186	163	174	180
» transverso máximo	129	125	132	140	124	137	122	129	130	132
» básio-bregmático	148	136	134	138	137	137	132	133	127	138
» frontal mínimo	99	95	94	95	89	98	89	91	93	93
» » máximo	121	113	115	121	106	119	109	113	113	117
» naso-basilar	103	94	105	101	89	97	104	99	101	103
» básio-alveolar	110	93	99	92	90	91	103	86	96	101
Comprimento do buraco occipital . . .	36	35	32	36	39	38	37	31	32	35
Largura do buraco occipital	31	28	30	28	31	32	30	30	27	31
» bizigomática	130	?	122	135	125	130	122	120	123	128
Altura facial superior	72	62	63	74	61	67	70	68	65	67
» nasal	53	45	47	56	50	52	57	46	50	48
Largura nasal	31	27	27	25	24	27(?)	23	23	25	23
» orbitária	42	42	44	41	40	41	39	40	40	41
Altura orbitária	34	32	31	33	28	30	32	33	31	31
Largura biorbitária externa	100	92	98	97	?	98	?	93	95	96
» inter-orbitária	23	27	25	22	21	21	22	21	21	22

	Números dos crânios									
	123	124	125	126	127	128	129	130	211	212
Comprimento dos molares e prèmolares .	13	?	?	?	9	12	?	?	?	?
Curva horizontal total	530	510	530	520	465	535	500	470	505	510
» ántero-posterior	405	375	360	355	360	385	365	310	345	355
Parte frontal	130	120	115	115	100	115	120	95	120	115
» parietal	165	140	130.	120	120	140	125	110	120	130
» occipital	110	115	115	120	140	130	125	105	105	110
Largura bicondiliana	118	105	?	123	104	122	?	?	?	?
» bigoníaca	98	83	?	92	90	98	?	?	?	?
Altura sinfisiana.	38	27	?	27(?)	32	32	?	?	?	?
» molar	38	27	?	28	30	32	?	?	?	?
» do ramo	61	62	?	62	46	67	?	?	?	?
Largura do ramo	34	33	?	31	30	32	?	?	?	?
Angulo mandibular (em graus)	126	106	?	113	139	125	?	?	?	?
» sinfisiano (em graus).	81	52	?	70	63	60	?	?	?	?
Pêso do crânio (em grs.)	740	600	700	550	400	580	450	520	585	660
» da mandíbula (em grs.).	85	60	?	50	60	70	?	?	?	?

QUADRO II

Índice cefálico

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	70,2	123	67,8
317	72,8	124	66,8
316	70,3	125	69,4
315	72,6	126	75,6
314	78,3	127	76,0
313	68,7	128	71,2
312	69,2	129	65,5
311	72,3	130	79,1
310	72,7	211	74,7
309	70,0	212	73,3

QUADRO III

Índice vértico-longo

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	64,8	123	77,8
317	75,1	124	72,7
316	73,7	125	70,5
315	69,4	126	74,5
314	?	127	84,0
313	75,6	128	71,7
312	78,1	129	70,9
311	76,8	130	81,5
310	77,3	211	72,9
309	73,3	212	76,6

QUADRO IV

Índice vértico-transverso

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	92.2	123	114,7
317	103.1	124	108,8
316	104,7	125	101,5
315	95,6	126	98.5
314	?	127	110.4
313	107.6	128	100.0
312	112.8	129	108.1
311	106.2	130	103.1
310	106.4	211	97.6
309	104,7	212	104,5

QUADRO V

Índice fronto-parietal

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	77,4	123	76,7
317	73,6	124	76,0
316	76,1	125	71,2
315	74,6	126	67,8
314	69,5	127	71,4
313	70,7	128	71,5
312	78,6	129	72,9
311	74,2	130	70,5
310	80,8	211	71,5
309	73,8	212	70,4

QUADRO VI

Índice estefano-zigomático

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	95,4	123	93,0
317	105,2	124	?
316	?	125	94,2
315	96,7	126	89,6
314	94,5	127	84,8
313	98,3	128	91,5
312	86,6	129	89,3
311	94,4	130	94,1
310	?	211	91,8
309	?	212	91,4

QUADRO VII

Índice facial superior

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	50,7(?)	123	55,8
317	55,0	124	49,6
316	?	125	47,7
315	57,2	126	52,8
314	?	127	49,1
313	53,8	128	48,9
312	58,1	129	57,3
311	53,9	130	52,7
310	?	211	50,0
309	?	212	50,7

QUADRO VIII

Índice nasal

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	41,2	123	58,4
317	39,6	124	60,0
316	58,8	125	57,4
315	39,2	126	44,6
314	?	127	48,0
313	42,3	128	51,9(?)
312	47,8	129	40,3
311	45,8	130	50,0
310	?	211	50,0
309	?	212	47,9

QUADRO IX

Índice orbitário

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	86,3	123	80,9
317	87,1	124	76,1
316	82,5	125	70,4
315	84,0	126	80,4
314	?	127	70,0
313	85,3	128	73,1
312	86,1	129	82,0
311	90,2	130	82,5
310	?	211	77,5
309	?	212	75,6

QUADRO X

Índice órbito-nasal

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	22,6	123	23,0
317	24,4	124	29,3
316	23,9	125	25,5
315	24,0	126	22,6
314	?	127	?
313	29,6	128	21,4
312	24,4	129	?
311	25,7	130	22,5
310	?	211	22,1
309	?	212	22,9

QUADRO XI

Índice gnático

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	90,1	123	106,7
317	93,3	124	98,9
316	?	125	94,2
315	91,4	126	91,0
314	?	127	91,8
313	90,7	128	93,8
312	103,0	129	99,0
311	97,0	130	86,0
310	?	211	95,0
309	?	212	98,0

QUADRO XII

Índice do buraco occipital

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	82,8	123	86,1
317	80,0	124	80,0
316	78,8	125	93,7
315	88,5	126	77,7
314	?	127	79,4
313	80,5	128	84,2
312	84,8	129	81,0
311	82,8	130	96,7
310	80,0	211	84,3
309	81,8	212	88,5

QUADRO XIII

Índice gónio-zigomático

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	84,8	123	75,3
317	80,7	124	?
316	?	125	?
315	81,4	126	68,1
314	?	127	71,1
313	75,1	128	75,3
312	81,7	129	?
311	75,1	130	?
310	?	211	?
309	?	212	?

QUADRO XIV

Módulo de Schmidt

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	158,3	123	155,6
317	146,3	124	149,0
316	145,3	125	152,0
315	153,3	126	154,3
314	?	127	141,3
313	153,0	128	155,0
312	139,3	129	136,6
311	147,0	130	141,6
310	143,3	211	143,6
309	146,0	212	150,0

QUADRO XV

Índice mandibular

Números das mandíbulas	Índices	Números das mandíbulas	Índices
318	50,0	123	55,7
317	45,4	124	53,2
316	?	125	?
315	36,5	126	50,0
314	?	127	65,2
313	48,4	128	47,7
312	65,2	129	?
311	48,4	130	?
310	?	211	?
309	56,1	212	?

QUADRO XVI

Capacidade craniana (Beddoe)

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	1.898,6	123	1.750,1
317	1.670,5	124	1.555,6
316	1.438,2	125	1.593,1
315	1.534,9	126	1.595,1
314	1.704,3	127	1.355,8
313	1.684,4	128	1.740,5
312	1.260,0	129	1.484,6
311	1.473,8	130	1.232,5
310	1.516,8	211	1.166,0
309	1.505,0	212	1.555,5

QUADRO XVII

Capacidade craniana de Manouvrier

Números dos crânios	Índices	Números dos crânios	Índices
318	1.677,5	123	1.619,4
317	1.355,6	124	1.394,2
316	1.329,0	125	1.500,3
315	1.545,1	126	1.567,6
314	?	127	1.214,4
313	1.508,6	128	1.600,3
312	1.144,7	129	1.337,2
311	1.375,5	130	1.226,5
310	1.254,0	211	1.282,4
309	1.313,0	212	1.463,7

QUADRO XVIII

Índices de relação entre o ramo e o corpo

Índice de altura				Índice de largura				Índice do corpo			
Números dos crânios		Números dos crânios		Números dos crânios		Números dos crânios		Números dos crânios		Numeros dos crânios	
318	40,9	123	62,2	318	29,4	123	34,6	318	24,1	123	38,7
317	49,0	124	43,5	317	27,1	124	39,7	317	29,3	124	32,5
316	?	125	?	316	?	125	?	316	?	125	?
315	63,4	126	45,1	315	17,6	126	33,6	315	32,3	126	30,4
314	?	127	65,2	314	?	127	33,3	314	?	127	33,3
313	42,4	128	47,7	313	35,1	128	32,6	313	30,7	128	32,6
312	67,3	129	?	312	30,6	129	?	312	31,6	129	?
311	45,3	130	?	311	32,9	130	?	311	30,8	130	?
310	?	211	?	310	?	211	?	310	?	211	?
309	50,8	212	?	309	38,0	212	?	309	35,3	212	?

QUADRO XIX

Angulos faciais

Números dos crânios	Angulo de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi
318	70°	69°	41°
317	69°	62°	49°
316	?	?	?
315	72°	61°	47°
314	?	?	?
313	76°	65°	39°
312	68°	72°	40°
311	71°	68°	41°
310	?	?	?
309	?	?	?
123	65°	75°	40°
124	72°	70°	38°
125	78°	66°	36°
126	73°	62°	45°
127	78°	64°	38°
128	74°	64°	42°
129	71°	70°	39°
130	79°	58°	43°
211	75°	66°	39°
212	72°	69°	39°

QUADRO XX

Area do triângulo-facial

Números dos crânios	Em milímetros quadrados	Números dos crânios	Em milímetros quadrados
318	3383	123	3575
317	2772	124	2743
316	?	125	3069
315	3600	126	3220
314	?	127	2700
313	3283	128	2812
312	3150	129	3399
311	3185	130	2881
310	?	211	3024
309	?	212	3232

QUADRO XXI

Mapa geral dos principais índices

Números dos crânios	Casta correspondente	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Kivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
318	Descendente	70,2	64,8	92,2	77,4	95,4	158,3	50,7(?)	41,2	86,3	22,6	82,8	84,8	50,0	1.898,6	70º	69º	41º	3.383
317	Sudra	72,8	75,1	103,1	73,6	105,2	146,3	55,0	39,6	87,1	24,4	80,0	80,7	45,4	1.670,5	69º	62º	49º	2.272
316	Sudra	70,3	73,7	104,7	76,1	—	145,3	—	58,8	82,5	23,9	78,8	—	—	1.438,2	—	—	—	—
315	Brâmane	72,6	69,4	95,6	74,6	96,7	153,3	57,2	39,2	84,0	24,0	88,5	81,4	36,5	1.534,9	72º	61º	47º	3.600
314	Sudra	78,3	—	—	69,5	94,5	—	—	—	—	—	—	—	—	1.704,3	—	—	—	—
313	Sudra	68,7	75,6	107,6	70,7	98,3	153,0	53,8	42,3	85,3	29,6	80,5	75,1	48,4	1.684,4	76º	65º	39º	3.283
312	Châtria	69,2	78,1	112,8	78,6	86,6	139,3	58,1	47,8	86,1	24,4	84,8	81,7	65,2	1.260,0	68º	72º	40º	3.150
311	Châtria	72,3	76,8	106,2	74,2	94,4	147,0	53,9	45,8	90,2	25,7	82,8	75,1	48,4	1.473,8	71º	68º	41º	3.185
310	Descendente	72,7	77,3	106,4	80,8	—	143,3	—	—	—	—	80,0	—	—	1.516,8	—	—	—	—
309	Brâmane	70,0	73,3	104,7	73,8	—	146,0	—	—	—	—	81,8	—	56,1	1.505,0	—	—	—	—
123	Sudra	67,8	77,8	114,7	76,7	93,0	155,6	55,8	58,4	80,9	23,0	86,1	75,3	55,7	1.750,1	65º	75º	40º	3.575
124	Sudra	66,8	72,7	108,8	76,0	—	149,3	49,6	60,0	76,1	29,3	80,0	—	53,2	1.555,6	72º	70º	38º	2.743
125	Rane	69,4	70,5	101,5	71,2	94,2	152,0	47,7	57,4	70,4	25,5	93,7	—	—	1.593,1	78º	66º	36º	3.069
126	Descendente	75,6	74,5	98,5	67,8	89,6	154,3	52,8	44,6	80,4	22,6	77,7	68,1	50,0	1.595,1	73º	62º	45º	3.220
127	Châtria	76,0	84,0	110,4	71,4	84,8	141,3	49,1	48,0	70,0	—	79,4	71,1	65,2	1.355,8	78º	64º	38º	2.700
128	Châtria	71,2	71,7	100,0	71,5	91,5	155,0	48,9	51,9(?)	73,1	21,4	84,2	75,3	47,7	1.740,5	74º	64º	42º	2.812
129	Curumbim	65,5	70,9	108,1	72,9	89,3	136,6	57,3	40,3	82,0	—	81,0	—	—	1.484,6	71º	70º	39º	3.399
130	Curumbim	79,1	81,5	103,1	70,5	94,1	141,6	52,7	50,0	82,5	22,5	96,7	—	—	1.232,5	79º	58º	43º	2.881
211	Rane	74,7	72,9	97,6	71,5	91,8	143,6	50,0	50,0	77,5	22,1	84,3	—	—	1.166,0	75º	66º	39º	3.024
212	Rane	73,3	76,6	104,5	70,4	91,4	150,0	50,7	47,9	75,6	22,9	88,5	—	—	1.555,5	72º	69º	39º	3.232

QUADRO XXII

Mapa dos caracteres métricos da "casta" Brâmane

Números dos crânios	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
315	72,6	69,4	95,6	74,6	96,7	153,3	57,2	39,2	84,0	24,0	88,5	81,4	36,5	1534,9	72°	61°	47°	3600
309	70,0	73,3	104,7	73,8	?	146,0	?	?	?	?	81,8	?	56,1	1505,0	?	?	?	?

QUADRO XXIII

Mapa dos caracteres métricos da "casta" Châtria

Números dos crânios	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice-vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
312	69,2	78,1	112,8	78,6	86,6	139,3	58,1	47,8	86,1	24,4	84,8	81,7	65,2	1260,0	68°	72°	40°	3150
311	72,3	76,8	106,2	74,2	94,4	147,0	53,9	45,8	90,2	25,7	82,8	75,1	48,4	1473,8	71°	68°	41°	3185
127	76,0	84,0	110,4	71,4	84,8	141,3	49,1	48,0	70,0	?	79,4	71,1	65,2	1355,8	78°	64°	38°	2700
128	71,2	71,7	100,0	71,5	91,5	155,0	48,9	51,9(?)	73,1	21,4	84,2	75,3	47,7	1740,5	74°	64°	42°	2812

QUADRO XXIV

Mapa dos caracteres métricos do "Descendente"

Números dos crânios	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
318	70,2	64,8	92,2	77,4	95,4	158,3	50,7(?)	41,2	86,3	22,6	82,8	84,8	50,0	1898,6	70°	69°	41°	3383
310	72,7	77,3	106,4	80,8	?	143,3	?	?	?	?	80,0	?	?	1516,8	?	?	?	?
126	75,6	74,5	98,5	67,8	89,6	154,3	52,8	44,6	80,4	22,6	77,7	68,1	50,0	1595,1	73°	62°	45°	3220

QUADRO XXV

Mapa dos caracteres métricos da "casta" Sudra

Números dos crânios	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
317	72,8	75,1	103,1	73,6	105,2	146,3	55,0	39,6	87,1	24,4	80,0	80,7	45,4	1670,5	69°	62°	49°	2272
316	70,3	73,7	104,7	76,1	?	145,3	?	58,8	82,5	23,9	78,8	?	?	1438,2	?	?	?	?
314	78,3	?	?	69,5	94,5	?	?	?	?	?	?	?	?	1704,3	?	?	?	?
313	68,7	75,6	107,6	70,7	98,3	153,0	53,8	42,3	85,3	29,6	80,5	75,1	48,4	1684,4	76°	65°	39°	3283
123	67,8	77,8	114,7	76,7	93,0	155,6	55,8	58,4	80,9	23,0	86,1	75,3	55,7	1750,1	65°	75°	40°	3575
124	66,8	72,7	108,8	76,0	?	149,3	49,6	60,0	76,1	29,3	80,0	?	53,2	1555,6	72°	70°	38°	2743

QUADRO XXVI

Mapa dos caracteres métricos do "Curumbim"

Números dos crânios	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
129	65,5	70,9	108,1	72,9	89,3	136,6	57,3	40,3	82,0	?	81,0	?	?	1484,6	71°	70°	39°	3399
130	79,1	81,5	103,1	70,5	94,1	141,6	52,7	50,0	82,5	22,5	96,7	?	?	1232,5	79°	58°	43°	2881

QUADRO XXVII

Mapa dos caracteres métricos do "Rane"

Números dos crânios	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice fronto-parietal	Índice estefano-zigomático	Módulo de Schmidt	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice órbito-nasal	Índice do buraco occipital	Índice gónio-zigomático	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)	Angulo facial de Rivet	Angulo intra-facial de Aranzadi	Angulo post-facial de Aranzadi	Area do triângulo facial
125	69,4	70,5	101,5	71,2	94,2	152,0	47,7	57,4	70,4	25,5	93,7	?	?	1593,1	78°	66°	36°	3069
211	74,7	72,9	97,6	71,5	91,8	143,6	50,0	50,0	77,5	22,1	84,3	?	?	1166,0	75°	66°	39°	3024
212	73,3	76,6	104,5	70,4	91,4	150,0	50,7	47,9	75,6	22,9	88,5	?	?	1555,5	72°	69°	39°	3232

QUADRO XXVIII

Mapa das médias dos principais índices dos crânios masculinos

	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice gnático	Índice do buraco occipital	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)
Brâmane . .	72,6(?)	69,4(?)	95,6(?)	57,2(?)	39,2(?)	84,0(?)	91,4(?)	88,5(?)	36,5(?)	1.534,9(?)
Châtria . .	71,7	74,2	103,1	51,4	48,8	81,1	95,4	83,5	48,0	1.607,1
Descendente.	70,2(?)	64,8(?)	92,2(?)	50,7(?)	41,2(?)	86,3(?)	90,1(?)	82,8(?)	50,0(?)	1.898,6(?)
Sudra . . .	72,3	75,5	107,5	55,4	52,2	83,5	100,0	81,3	50,5	1.640,7
Curumbim .	65,5(?)	70,9(?)	108,1(?)	57,3(?)	40,3(?)	82,0(?)	99,0(?)	81,0(?)	?	1.484,6(?)
Rane . . .	72,4	73,3	101,2	49,4	51,7	74,5	95,7	88,8	?	1.438,2

QUADRO XXIX

Mapa das médias dos principais índices dos crânios femininos

	Índice cefálico	Índice vértico-longo	Índice vértico-transverso	Índice facial-superior	Índice nasal	Índice orbitário	Índice gnático	Índice do buraco occipital	Índice mandibular	Capacidade craniana (Beddoe)
Brâmane . .	70,0(?)	73,3(?)	104,7(?)	?	?	?	?	81,8(?)	56,1(?)	1.505,0(?)
Châtria . .	72,7	81,0	111,6	53,2	47,9	78,0	97,4	82,1	65,2	1.307,9
Descendente .	74,1	75,9	102,4	52,8(?)	44,6(?)	80,4(?)	91,0(?)	78,8	50,0(?)	1.555,9
Sudra . . .	67,7	74,1	108,2	51,7	51,1	80,7	94,8	80,2	50,8	1.620,0
Curumbim .	79,1(?)	81,5(?)	103,1(?)	52,7(?)	50,0(?)	82,5(?)	86,0(?)	96,7(?)	?	1.232,5(?)

Antes de entrarmos na análise metódica dos crânios da nossa série, referimo-nos, ainda que vagamente, à técnica das nossas medidas e à normalização adoptada para os índices determinados.

Os instrumentos de que nos servimos para obter as nossas medidas foram um compasso de espessura, um compasso de corredíça, um goniómetro mandibular, uma fita métrica e uma balança. A capacidade craniana, na impossibilidade de se determinar pelo método directo, foi determinada pelo método de Beddoe, que consiste no seguinte: "multiplica-se um têrço da circunferência horizontal por um têrço do arco nasion-inion e pela metade do arco transverso que vai do centro do buraco auditivo externo de um lado para o do lado oposto; do produto obtido subtrae-se três décimas por cento por cada unidade do índice cefálico inferior a 80, e adiciona-se o mesmo valor por todas as unidades do índice cefálico superior a 80; por fim divide-se o produto assim obtido por 2000".

Frassetto assegura que o método de Beddoe é de todos os métodos de determinação da capacidade craniana aquele que mais se aproxima da capacidade craniana exacta, determinada pelo método directo.

O ângulo facial foi determinado segundo as instruções de Rivet, e é o ângulo compreendido entre os diámetros naso-alveolar e alvéolo-basilar.

Não nos limitamos apenas à determinação do ângulo facial de Rivet; determinamos também os ângulos intrafacial e postfacial, e bem assim a area do triângulo facial. "Para justipreciar el prognatismo — escreve Aranzadi — no basta el ángulo facial. Mejor que la relación del perfil con la línea horizontal sirve el triángulo facial, teniendo en cuenta todos sus elementos, sobre todo sus otros ángulos... El ángulo facial es más característico

de raza en los casos de índice gnático mayor de ciento, mientras en los casos de índice gnático menor de ciento es mas característico el ángulo intrafacial».

Damos a seguir as fórmulas e as nomenclaturas dos principais índices:

Índice cefálico $= \frac{\text{D. tr. max} \times 100}{\text{D. ant.-post. max}}$; dolicocefalia, inferior a 75; mesocefalia, de 75 a 80; braquicefalia, de 80 para cima. (Frasetto).

Índice vértico-longo $= \frac{\text{D. básio-brag.} \times 100}{\text{D. ant.-posterior max}}$; camecefalia, inferior a 70; ortocefalia, de 70 a 75; hipsicefalia de 75 para cima. (Frassetto).

Índice vértico-transverso $= \frac{\text{D. vertical} \times 100}{\text{D. tr. max}}$; platicefalia, inferior a 92; ortocefalia, de 92 a 98; hipsicefalia, de 98 para cima. (M. Corrêa).

Índice estefano-zigomático $= \frac{\text{D. bi estefánico} \times 100}{\text{Larg. bizigomática}}$; fenozigia, inferior a 100; criptozigia, de 100 para cima. (M. Corrêa).

Índice facial superior $= \frac{\text{D. naso alveolar} \times 100}{\text{Larg. bizigomática}}$; camaeprosopia, inferior a 48; mesoprosopia, de 48 a 53; leptoprosopia, de 53 para cima. (Frasetto).

Índice facial total $= \frac{\text{Larg. bizigomática} \times 100}{\text{Dist. ofrio-mentonial}}$; grupo longifacial, inferior a 100; grupo médio-facial, de 100,01 a 105; grupo brevifacial, de 105 para cima. (R. Verneau).

Índice nasal $= \frac{\text{larg.} \times 100}{\text{altura}}$; leptorrínia, inferior a 48; mesorrínia, de 48 a 53; platirrínia, de 53 para cima. (Frassetto).

Índice orbitário $= \frac{\text{alt.} \times 100}{\text{largura}}$; camaecônquia, inferior a 80; mesocônquia, de 80 a 85; hipsicônquia, de 85 para cima. (Frassetto).

Índice órbito nasal $= \frac{\text{larg. interorbi.} \times 100}{\text{larg. biorb. etc.}}$; platiopia, inferior a 110; mesoopia, de 110 a 113; proopia, de 113 para cima. (H. Risley).

Índice do buraco occipital $= \frac{\text{larg.} \times 100}{\text{comprimento}}$; microsémia, inferior a 82; mesosémia, de 82 a 86; megasémia, de 86 para cima. (M. Corrêa).

Índice do prognatismo $= \frac{\text{D. básí-alveolar} \times 100}{\text{D. naso-basilar}}$; prognatismo, inferior a 70; mesognatismo, de 70 a 73; ortognatismo, de 73 para cima. (Frassetto).

*
* *

Do confronto dos caracteres métricos dos crânios da nossa série resulta que êles se apresentam pouco uniformes; contudo não se deixa de notar uma relativa afinidade entre êles.

Os crânios n.os 317 e 315 apresentam uma grande afinidade pelos seus índices cefálico e nasal, e aproximam-se do crânio n.º 129 pelo seu índice nasal sòmente. Os crânios n.os 316 e 123 aproximam-se bastante pelo

índice nasal, mas o índice cefálico dos dois é diverso, o que sucede também nos crânios n.os 312, 212 e 127.

Pelo índice cefálico vemos que 16 crânios da nossa série são dolicocéfalos, sendo apenas 4 mesocéfalos. A dolicocefalia existe indeferentemente em qualquer dos grupos de castas, notando-se a mesocefalia em um crânio sudra, em um crânio *descendente,* em um crânio châtria, e em um crânio de curumbim. A que seria devida essa mesocefalia? Méras variações individuais? Variações de adaptação ao meio? Veremos mais tarde a êsse respeito quais são as opiniões de Lapouge e de Durand.

Há a notar, porêm, que no crânio *descendente* mesocéfalo (n.º 126) o índice nasal denota leptorrínia, enquanto no crânio châtria (n.º 127), e no crânio curumbim (n.º 130) o índice uasal denota mesorrínia. Nos três crânios mesocéfalos (do *descendente,* do châtria e do curumbim) nota-se a mesoprosópia, a face com tendência para face larga, o que indica a influência do *Homo asiaticus* de Sergi, ou mais própriamente os aproxima da variedade *N. eurafricanus dravidicus* de Sergi.

O índice nasal permite-nos destacar quatro crânios platirrínios, (n.os 316, 123, 124 e 125), todos quatro dolicocéfalos, sendo os três primeiros de sudras e o último de rane. Destacam-se também outros quatro crânios mesorrínios (n.os 127, 128, 130 e 211), sendo os dois primeiros de châtrias, o terceiro de curumbim e o último de rane.

O índice nasal médio dos crânios da nossa série é 48,4, mesorrínio. Êle é inferior ao de 12 párias de Alipore (54,3 segundo Broca), mas aproxima-se da média de Sarazin e Flower (51,8) obtida em 43 vedas, da média de Topinard (50,1) determinada em 33 Marvars da India, e da média de Quatrefages e Hamy (50,0) determinada em indús.

O índice nasal, pela importância que lhe foi ligada como carácter de raça, poderia fornecer-nos na nossa série vários tipos cranianos. Mas o índice nasal, por si só, pouco poderia dizer-nos sôbre a diferença das raças, e fàcilmente nos poderia levar ao êrro, pois que o índice nasal, na opinião do Dr. Aurélio da Costa Ferreira, "parece ser antes um índice de adaptação, índice morfológico, mais em relação com o meio do que com a raça propriamente dita».

Devemos notar que os crânios platirrínios da nossa série (n.os 123 a 124) são de creaturas de sexo feminino, e tambêm na série de Quatrefages e Hamy os crânios femininos são mais platirrínios do que os masculinos.

O índice orbitário permite-nos destacar 6 crânios camaecônquios, sendo notável a aproximação dos índices orbitários dos crânios n.os 125 (70,4) e 127 (70,0), tão afastados por outros índices. Os crânios camaecônquios são os n.os 124, 125, 127, 128, 211 e 212 (três de rânes, dois de châtrias e um de sudra). Os crânios mesocônquios tambêm são 6: n.os 316, 315, 123, 126, 129 e 130 (um brâmane, um "descendente», dois sudras e dois curumbins).

O índice orbitário médio da nossa série é 80,5, e portanto inferior aos índices médios de Sarazin e Flower em 43 vedas (88,5), de Broca nos párias (86,1), de Flower em 34 negros da India (87,4) e de Quatrefages e Hamy em 16 indús (88,8).

O índice facial permite-nos destacar, pela sua camaeprosopia, o crânio n.º 125. Tambêm nos denota a mesoprosopia dos oito crânios seguintes: n.os 318, 124, 126, 127, 128, 130, 211 e 212. Os crânios n.os 318 e 212 teem o mesmo índice facial (50,7), apesar de que são afastados por outros índices. É notável a aproxima-

ção dos índices faciais dos crânios n.os 124 (49,6), 127 (49,1) e 128 (48,9), também afastados por outros índices. A camaeprosopia, e até mesmo a mesoprosopia, revelarão possivelmente a influência mongloide.

O índice do buraco occipital permite-nos destacar 5 crânios megasemas, n.os 315, 123, 125, 130 e 212. Os crânios n.os 315 e 212 teem o mesmo índice do buraco occipital (88,5). Dos crânios megasemas aqueles que apresentam o índice mais elevado são os seguintes: n.º 125 (93,7) e o n.º 130 (96,7). Os crânios n.os 318, 312, 311, 128 e 211 são mesosemas. Dos crânios microsemas o crânio n.º 126 tem o índice mais baixo (77,7), seguindo-se-lhe o n.º 316 (78,8) e depois o n.º 127 (79,4). A megasémia pode ser considerada como sinal de inferioridade, e bem assim a mesosémia mais elevada, como é a dos crânios n.os 312, 128 e 211.

O índice vértico-longo permite-nos destacar apenas dois crânios camaecéfalos, os n.os 318 e 315. Os crânios n.os 316, 309, 124, 125, 126, 128, 129 e 211 são ortocéfalos. De todos êstes crânios ortocéfalos, o crânio n.º 126 tem o índice elevado (74,5), que o aproxima bastante da hipsicefalia.

O índice vértico-transverso não nos apresenta nenhum crânio platicéfalo, e apresenta-nos apenas três crânios ortocéfalos, os crânios n.os 318, 315 e 211. Destes três crânios, o crânio n.º 318 tem uma grande tendência platicéfala (92,2), seguindo-se-lhe o crânio n.º 315 (95,6) e depois o crânio n.º 211 (97,6).

A capacidade craniana leva-nos a destacar três crânios elatocéfalos, os n.os 312 (1260,0), 130 (1232,5) e 211 (1166,0). Só nestes últimos dois crânios a elatocefalia é acompanhada de mesorrinia, mesoprosopia e megasémia. O crânio de capacidade mais elevada é o n.º 318 (1898,6), seguindo-se-lhe os n.os 123 (1750,0), 128

(1740,5) e 314 (1704,3). Só o crânio n.º 127 é oligocéfalo (1355,8), com uma grande tendência para elatocefalia. A capacidade craniana média da nossa série é 1530,7, e portanto superior à média de Quatrefages e Hamy (1400 em 16 indús), de Callamand e Flower (1280 e 1265), de Broca (1115 nos párias de Alipore), e de Thompson (1365 c. c. para 6 machos e 1297 para 2 fêmeas.

O índice alveolar ou do prognatismo permite-nos destacar só quatro crânios prognatas, os n.os 318, 317, 312 e 123. De todos êstes crânios prognatas, só o crânio n.º 123 apresenta os mais nítidos caracteres de raças inferiores, como sejam a platirrínia, a hipsicefalia e a megasémia. Os crânios n.os 315, 311, 124, 126, 129 e 212, são mesognatas. Só o crânio n.º 125, apesar de apresentar todos os caracteres de raças inferiores como sejam a platirrínia, a hipsicefalia e a megasémia, é um crânio ortognata. Também o crânio n.º 130 apresenta muitas afinidades com o crânio n.º 125.

O índice mandibular dá-nos uma média de 51,3, e portanto aproximada da média de Renard (54,5) obtida nos párias da India. Os crânios da nossa série que teem o índice mandibular superior à média de Renard, são êstes: n.os 312 (65,2), 309 (56,1), 123 (55,7) e 127 (65,2). O índice mandibular é muito variável e, segundo Renard, vai diminuindo das raças negras às caucásicas, de seguinte modo: Neo-caledónios (63,44), Negros de África (63,43), Raças mongólicas (60,11), Aborígenes da América (59,04) e Raças caucásicas (53,45).

A média do índice mandibular da nossa série (51,3) é quási idêntica à média obtida em 78 mandíbulas portuguesas (51,4) pelo Prof. Sousa Pinto, e à média obtida em 112 europeus (na sua maior parte portugueses) pelo Prof. A. Pires de Lima. Ferraz de Macedo obteve em

820 mandíbulas portuguesas o índice médio de 53,1. "Pode pois concluir-se — escreve o Prof. A. Pires de Lima — que um ramo estreito e comprido é característico de raças superiores, ao passo que um ramo atarracado, baixo e largo, portanto forte e massiço, caracteriza as raças inferiores".

A média da largura bicondiliana da nossa série é de 113mm. Ela é inferior à média obtida por Renard em 7 párias da India (118mm), e é idêntica à média obtida por Ferraz de Macedo em 820 mandíbulas portuguesas (113mm,05). A média da largura bigoníaca da nossa série é de 94mm,5; é mais alta do que a média de Renard nos párias (91mm) e pouco mais elevada do que a média obtida nas mandíbulas portuguesas (93mm,62). A média da altura sinfisiana da nossa série é de 31,2, e é pouco mais elevada do que nas mandíbulas portuguesas (29mm,03).

A média do ângulo mandibular da nossa série é 121,5. É sabido que o ângulo mandibular vai aumentando das raças inferiores para as raças superiores, e é certo também que vai aumentando à medida que se passa da idade adulta para a velhice, como observa o Prof. Pires de Lima. Para Debierre, citado pelo Prof. Pires de Lima, os valôres do ângulo mandibular são êstes: em 6 gorilhas, 100°; 4 chimpanzés, 106°; 2 crangos, 104°,5; nos neo-caledónios, 107; nos negros, 120°; e nos brancos, 123°. Segundo Renard, também citado pelo mesmo Professor, os valôres determinados seriam: neo-caledónios, 107°; negros da África, 120°; raças mongólicas, 120°; aborígenes da América, 118°; e raças caucásicas 123°.

O ângulo mandibular tem uma grande importância como carácter de raça, ainda que êle, só por si, pouco ou nada pode esclarecer sôbre a origem do maxilar, con-

siderado isoladamente, porque, conforme a opinião de Aranzadi, "ninguna medida, ningún ángulo, ningún índice, como ningún rasgo descriptivo puede, ni debe, ni tiene para qué resolver por sí solo un problema de afinidad, consaguinidad, en caso contrario, discongruencia de razas».

A média do ângulo sinfisiano das mandíbulas da nossa série é 64,8. Ela é mais pequena que a média das mandíbulas portuguesas (69,71), e muito mais pequena do que a de Topinard obtida em 19 negros da India (74). O ângulo sinfisiano, ao contrário do ângulo mandibular, vai diminuindo à medida que se passa das raças inferiores para as raças superiores. Assim Renard, citado pelo Prof. Pires de Lima, obteve os seguintes valores paro o ângulo sinfisiano: neo-caledónios 85°, negros de África 82°, raças mongólicas 76°, aborígenes da América 76°, e raças caucásicas 71°. "Todos os autores — escreve o Prof. Pires de Lima — são efectivamente conformes em afirmar que o mento, ausente no homem primitivo, se vai tornando cada vez mais saliente até às raças modernas. E, pelo que diz respeito às raças actuais, ausente ou quási nas inferiores, se torna predominante nas raças civilizadas. Tanto num como noutro caso, o desenvolvimento *mental* — do mento — é paralelo ao desenvolvimento *mental* manifestado por um maior uso da linguagem articulada».

*
* *

Os crânios da nossa série, cujos caracteres métricos foram atraz analizados, acusam um certo grau de mistura de povos de várias raças. Êles apresentam tambêm

modalidades ou variações dos seus caracteres — modalidades ou variações que podem ter sido devidas à adaptação ao meio.

Compreende-se fàcilmente estas variações, umas vezes devidas à adaptação ao meio, outras vezes devidas à influência de povos extranhos. Ninguem hoje pode pretender afirmar que pertence a uma raça pura.

Antes de entrarmos na classificação dos crânios da nossa série, vejamos quais são as leis que Vacher de Lapouge denomina "leis fundamentais de antropologia„: 1.ª — *lei de distribuição de riquezas:* nos países de mistura Europaeus-Alpinus, a riqueza aumenta na razão inversa do índice cefálico; 2.ª — *lei das altitudes:* nas regiões onde coexistem o H. Europaeus e o H. Alpinus, o primeiro localiza-se nas regiões mais baixas; 3.ª — *lei da distribuição das cidades:* as cidades mais importantes são quási exclusivamente localizadas nas regiões dolicocéfalas, nas partes menos braquicéfalas das regiões braquicéfalas; 4.ª — *lei dos índices urbanos:* o índice cefálico das populações urbanas é inferior ao das populações rurais, vizinhas das primeiras; 5.ª — *lei de emigração:* numa população em via de dissociação por deslocamento, é o elemento menos braquicéfalo que emigra; 6.ª — *lei de entrecruzamentos:* o índice cefálico de indivíduos nascidos de pais de países diferentes é inferior à média dos países de origem; 7.ª — *lei de concentração dos dolicoides:* os elementos mobilizados pela dissociação, concentram-se por atracção nos centros dolicoides.

As leis de Durand podem ser assim resumidas: 1.ª — o meio modifica a raça; 2.ª — não há raça propriamente dotada de inferioridade eterna; 3.ª — os urbanos são menos braquicéfalos que os rurais; 4.ª — as classes ilustradas são menos braquicéfalas que as não ilustradas; 5.ª — os urbanos e os ilustrados teem a cabeça mais

volumosa; 6.ª—estas duas categorias (os urbanos e os ilustrados) teem o crânio ao mesmo tempo mais comprido e mais volumoso do que os das classes donde proveem por diferenciação; 7.ª—a diferença é devida principalmente à influência dolicocefalisante da cultura. "O exame de indivíduos que teem feito estudos e que teem o habito de trabalho intelectual—escreve André Constantin—demonstra que êles teem uma circunferência cefálica média superior à circunferência cefálica média dos outros indivíduos. Os analfabetos e os meio ilustrados teem, pelo contrário, uma circunferência cefálica média inferior. A circunferência cefálica dos indivíduos mais instruidos parece aumentar com a dificuldade dos estudos que teem feito e com a soma de conhecimentos que teem adquirido".

O índice cefálico tem sido considerado como uma característica importante para a diferenciação das raças superiores das inferiores. Ora sendo o índice cefálico revelador da forma do crânio e, portanto, da forma do cérebro segundo Schwalbe, êle deixa vêr muito bem qual é a influência da cultura na forma geral do crânio. Ao contrário da lei de Durand, Virchow pensa que a braquicefalia é o índice de uma civilização superior—pois o crânio aumenta no sentido transversal à medida que se desenvolve a inteligência humana. "Quanto à divisão da humanidade—escreve Louis le Fur—em duas classes, dolicocéfalas, e braquicéfalas, e quanto ao dogma da incontestável superioridade dos primeiros sôbre os segundos, sem contar com a impossibilidade hoje em dia de reconstituir uma raça pura, êstes dois elementos encontrando-se ao mesmo tempo em toda a parte nos núcleos dos povos civilizados, basta notar para atenuar singularmente a sua importância, que os gorilhas entre os macacos e, entre as populações negras, os mais de-

gradados, os que se acham no último degrau da escala humana, os Australianos e os Bosquimanes, são precisamente dolicocéfalos».

Quanto ao índice cefálico temos para os povos da India os dados que seguem:

Raças indianas, em geral	74
Veddas	72
Bengaleses (Danielli)	71,6
Dravidicus (Sergi)	74-76,5
Crânio de párias (Broca)	74,1
Ario-indianos (Crookes)	72,6
Tamil de Ceylão (dravidicus) . . .	70
Indígenas de Satary (F. Cardoso — vivos)	75,4
Indígenas de Satary (M. Corrêa — crânios)	73,1
Indígenas de Satary (B. Ferreira — crânios)	72,6-78

Quanto ao triângulo facial temos para os povos da India os seguintes dados de Aranzadi:

Índice da altura do triângulo:

Birmanes	63,4
Veddas	63,1
Drávidas	59,9

Índice gnático:

Australianos	103,3
Drávidas	98,5
Chinos	98,3

Birmanes	99,7
Veddas	95,0

Angulo facial de Rivet:

Veddas	75°53′
Drávidas	73°12′
Chinos	71°30′
Birmanes	70° 6′
Australianos	68°42′

Angulo intra-facial de Aranzadi:

Australianos	74°12′
Drávidas	70°36′
Birmanes	69°42′
Chinos	68°48′
Veddas	67° 6′

Angulo post-facial de Aranzadi:

Chinos	39°42′
Birmanes	39°12′
Australianos	37° 6′
Veddas	36°48′
Drávidas	36°12′

* * *

Passemos agora a classificar um por um os crânios da nossa série:

O crânio n.º 318 tem o índice cefálico, 70,2 dolicocéfalo, e o índice nasal 41,2 leptorrínio. Êste crânio pela

sua dolicocefalia, leptorrínia e pelos índices verticais mais baixos denota influência de elementos superiores. A sua mesoprosopia parece revelar uma influência do *Homo asiaticus* de Sergi. O índice do buraco occipital parece revelar vagamente uma influência de elementos inferiores. O índice alveolar, pelo seu prognatismo, também denota uma certa influência de elementos inferiores. O seu índice mandibular, conforme a doutrina de Renard, revela a influência de raças caucásicas. O seu ângulo mandibular (125°) indica influência da raça caucásica, segundo Debierre e Renard. O seu ângulo sinfisiano, mais baixo de toda a série (50°) indica a influência de elementos superiores.

O crânio n.° 317 tem o índice cefálico 72,8 (dolicocefalia) e o índice nasal 39,6 (leptorrínia). Á excepção dos índices verticais, que são mais altos que no crânio anterior, apresenta quási todos os principais caracteres de um crânio pertencente a uma raça superior. O seu índice facial não denota influência mongólica ou asiática, porque acusa uma notável leptoprosopia. O índice do buraco occipital indica microsémia, o que é uma das características de elementos superiores. Os índices verticais indicam hipsicefalia, ou crânio alto o que é um indício da influência de elementos inferiores. O seu índice alveolar acusa prognatismo, o que também é revelador da influência de elementos inferiores. Passando para os caracteres da mandíbula vêmos que apresenta os caracteres de mandíbulas inferiores; o ângulo mandibular, ainda que pela média de Renard se aproxime de raças caucásicas, é inferior ao do crânio anterior (122°), e o ângulo sinfisiano é muito mais alto do que o do crânio anterior (70°), e mais alto também do que a média dos ângulos sinfisianos das mandíbulas portuguesas.

O crânio n.° 316 tem o índice cefálico 70,3, dolico-

céfalo e o índice nasal 58,8, platirrínio. Só êstes dois caracteres seriam bastantes para classificarmos êste crânio como pertencendo a uma raça inferior? Talvez. Mas há mais. Os seus índices verticais altos também são reveladores da sua inferioridade, embora o índice do buraco occipital acuse uma microsémia acentuada.

O crânio n.º 315 tem o índice cefálico 72,6, dolicocéfalo, e o índice nasal 39,2, leptorrínio, o mais baixo da nossa média. Á excepção do índice do buraco occipital que acusa a megasémia, êste crânio apresenta quási todos os outros caracteres de raças superiores. O índice alveolar indica mesognatismo, e representa bem uma influência de elementos inferiores. Passando aos caracteres da mandíbula vêmos que o ângulo mandibular é muito obtuso, e êste aumento do ângulo mandibular pode ser devido em parte à idade. O ângulo sinfisiano é baixo. Até os caracteres da mandíbula depõem a favor da influência de elementos superiores neste crânio que é, na nossa série, indubitávelmente o único crânio que apresenta os mais claros sinais de superioridade.

O crânio n.º 314 tem o índice cefálico 78,3, mesocéfalo ou sub-dolicocéfalo. O seu péssimo estado de conservação não nos permitiu outras mensurações e, portanto, a determinação dos outros índices. Talvez a sua subdolicocefalia e o desenvolvimento das suas bossas parietais denotem uma possível influência de elementos inferiores.

O crânio n.º 313 tem o índice cefálico 68,7, dolicocéfalo, e o índice nasal 42,3, leptorrínio. Os índices verticais mais altos, hipsicefalia, são uma das características da influência de elementos inferiores. O índice facial denota uma influência de elementos superiores, caucasoides. O índice do buraco occipital também acusa a influência de elementos superiores. O índice alveolar indica

ortognatismo, também uma característica da influência de elementos superiores. O exagerado desenvolvimento das bossas parietais talvez indique uma possível influência de elementos inferiores. O ângulo mandibular muito baixo (108º) e o ângulo sinfisiano muito alto (77º) demonstram indubitávelmente a influência de elementos inferiores.

O crânio n.º 312 tem o índice cefálico 69,2, dolicocéfalo, e o índice nasal 47,8, leptorrínio. Os índices verticais revelam um crânio alto, hipsicéfalo. O índice do buraco occipital é mesosemo, e talvez indique uma certa influência de elementos inferiores; e também o índice alveolar, acusando prognatismo, revela possivelmente a influência de elementos inferiores. O ângulo mandibular é superior ao da média de Renard para as raças caucasoides. O ângulo sinfisiano, muito mais alto que o da média das mandíbulas portuguesas, acusa os caracteres de inferioridade. Talvez a sub-dolicocefalia, o acentuado desenvolvimento das bossas parietais, a hipsicefalia e a elatocefalia denotem uma possível influência de raças inferiores.

O crânio n.º 311 tem o índice cefálico 72,3, dolicocéfalo, e o índice nasal 45,8 leptorrínio. O índice facial leptoprosopo não revela influência mongólica. O índice do buraco occipital mesosémio talvez revela influência de elementos inferiores. Os índices verticais altos indicam hipsicefalia ou influência de raças inferiores. O ângulo mandibular (100º) indica influência de elementos inferiores, e o ângulo sinfisiano (64º), conquanto seja mais baixo do que a média das mandíbulas portuguesas, é superior ao ângulo sinfisiano de muitas mandíbulas da nossa série. A hipsicefalia, a mesosémia, o acentuado desenvolvimento das bossas parietais e o mesognatismo podem indicar a influência de elementos inferiores.

O crânio n.º 310 tem o índice cefálico, 72,7, dolicocéfalo. Pelo mau estado da sua conservação não nos foi possível obter outras mesurações importantes, características da raça. Os índices verticais denotam que se trata de um crânio alto, hipsicéfalo. O índice do buraco occipital acusa microsémia. Falta a mandíbula a êste crânio, e em face da pobresa dos seus caracteres não nos permitimos a liberdade de classificar o crânio. Notamos contudo que a hipsefalia e o desenvolvimento das bossas parietais possam talvez indicar uma possível influência de elementos inferiores.

O crânio n.º 309, dolicocéfalo, tem o índice cefálico 70,0. Os índices verticais denotam que o crânio não é dos mais altos, porque o índice vértico-longo acusa ortocefalia. O índice do buraco occipital microsémio não denota influência de elementos inferiores. O ângulo mandibular é mais baixo do que aquele que Renard atribuiu e obteve como média para as raças caucásicas. O ângulo sinfisiano é mais baixo que o da média das mandíbulas portuguesas. Pelo mau estado da conservação dêste crânio, não pudemos obter outras mensurações importantes, características de raça. É porisso que não nos permitimos a liberdade de classificar êste crânio. Frisaremos contudo que notamos os caracteres de superioridade nos índices verticais e do buraco occipital, enquanto o ângulo mandibular indica provàvelmente uma influência de elementos inferiores; mas o índice mandibular (56,1) aproxima-se do índice que Renard atribuiu às raças caucásicas.

O crânio n.º 123 é dolicocéfalo, tem o índice cefálico 67,8 o que indica uma dolicocefalia pronunciada. O índice nasal é 58,4, platirrínio; e pela importância ligada a êste índice como carácter de raça, podemos afirmar que êste crânio tem influência de elementos infe-

riores. Os índices verticais indicam que se trata de um crânio alto, hipsicéfalo. O índice do buraco occipital megasémio também denota a influência de elementos inferiores. O índice facial leptoprosópo não indica influência mongólica. O índice alveolar acusa prognatismo, o que também constitue um sinal de inferioridade. O índice mandibular (55,7) aproxima-se mais da média que Renard atribue às raças caucásicas. O ângulo da mandíbula aproxima-se também da média do ângulo mandibular das raças caucásicas nas tabelas de Debierre e Renard, mas o ângulo sinfisiano é muito alto (81°), o mais alto da nossa série, e representa uma característica de raças inferiores. É o crânio que não apresenta quási nenhuma influência de elementos superiores.

O crânio n.º 124 é dolicocéfalo, tem o índice cefálico 66,8. O índice nasal 60,0, o mais alto da nossa série, também é platirrínio. O índice orbitário camaecônquio indica que tem órbitas pouco altas. O índice facial mesoprósopo indica talvez uma influência mongólica. Os índices verticais mostram que não se trata de um crânio muito alto. O índice do buraco occipital microsémio pode atestar a influência de elementos superiores. O índice alveolar mesognata pode revelar a influência de elementos inferiores. O ângulo mandibular baixo denota a influência de raças inferiores, e o ângulo sinfisiano é mais baixo que a média dos ângulos sinfisianos das mandíbulas portuguesas.

O crânio n.º 125, dolicocéfalo, tem o índice cefálico 69,4 e o índice nasal, platirrínio, é 57,4. Os índices verticais indicam que não se trata de um crânio muito alto. O índice facial camaeprósopo indica uma notável influência mongólica. O índice do buraco occipital megasémio denota a influência de elementos superiores. O índice alveolar acusa ortognatismo, que nós aceitamos

com reserva, como sinal de superioridade. A espinha nasal antero-inferior saliente, o desenvolvimento das bossas parietais, juntamente com outros caracteres já mencionados, levam-nos a concluir que se trata de um crânio com nítidos caracteres das raças inferiores.

O crânio n.º 126 é mesocéfalo ou sub-dolicocéfalo, tem o índice cefálico 75,6. O índice nasal leptorrínio é 44,6. O índice facial mesoprósopo pode atestar uma possível influência mongólica. Os índices verticais mostram que não é um crânio muito alto. O índice do buraco occipital microsémio revela a influência de elementos superiores. O índice alveolar mesognata pode revelar uma possível influência de elementos inferiores. O ângulo mandibular mais baixo e o ângulo sinfisiano mais alto, denotam a influência de elementos inferiores.

O crânio n.º 127 é mesocéfalo ou sub-dolicocéfalo, tem o índice cefálico 76,0. O índice nasal 48,0, mesorrínio, indica provàvelmente a influência de elementos inferiores. O índice facial mesoprósopo pode revelar uma possível influência mongólica. Os índices verticais são muito altos, e indicam hipsicefalia acentuada, o que revela a influência de elementos inferiores. O índice do buraco occipital microsémio pode atestar uma influência de elementos superiores. O índice mandibular (65,2) mostra que se trata de uma mandíbula de ramo baixo, o que caracteriza as raças inferiores. O ângulo mandibular é alto e o ângulo sinfisiano é mais baixo que a média do ângulo sinfisiano das mandíbulas portuguesas. A fraca capacidade craniana, juntamente com outros caracteres já mencionados demonstra que se trata de um crânio em que predominam os caracteres das raças inferiores.

O crânio n.º 128 tem o índice cefálico 71,2, dolicocéfalo. O índice nasal 51,9 mesorrínio, pode atestar a influência de elementos inferiores. O índice facial meso-

prósopo pode revelar uma possível influência mongólica. Os índices verticais deixam ver que não se trata de um crânio muito alto. O índice do buraco occipital mesosémio, indica possivelmente a influência de elementos inferiores. O índice alveolar ortognata pode revelar a influência de elementos superiores, mas aceitamos com reserva êste caracter. O índice mandibular (47,7) indica que se trata de uma mandíbula com ramo estreito e alto, e na tabela de Renard aproxima-se mais da média do índice mandibular das raças caucásicas. O ângulo mandibular também se aproxima mais do das raças caucásicas, pelas tabelas de Debierre e Renard. O ângulo sinfisiano, não sendo dos mais baixos da nossa série, é inferior à média do ângulo sinfisiano das mandíbulas portuguesas.

O crânio n.º 123 é dolicocéfalo, tem o índice cefálico 65,5. O índice nasal leptorrínio é 40,3. O índice facial leptoprósopo não acusa a influência mongólica. Os índices verticais denotam que se não trata de um crânio muito alto. O índice do buraco occipital microsémio, pode talvez atestar a possível influência de elementos superiores. O índice alveolar acusa mesognatismo, o que talvez ateste uma possível influência de elementos inferiores. Como lhe falta a mandíbula não nos sentimos habilitados a formular conclusões mais latas sôbre êste crânio. Diremos, no entanto, que a par da influência de elementos superiores que nêle se observam, pelo seu mesognatismo e pelo desenvolvimento acentuado das bossas parietais, inclinamo-nos a admitir também a influência de elementos inferiores, como seja por exemplo a sub-raça dravídica leptorrínia de Deniker.

O crânio n.º 130 é mesocéfalo e tem o índice cefálico 79,1, que bem pode dizer-se braquicéfalo. O índice

nasal mesorrínio é 50,0. O índice facial mesoprósopo pode atestar uma possível influência mongólica. Os índices verticais denotam que se trata de um crânio muito alto, hipsicéfalo, o que nos não repugna aceitar como carácter de inferioridade. O índice do buraco occipital megasémio também pode atestar a influência de alimentos inferiores. O índice alveolar acusa ortognatismo, e não pode ser só por êle que se há de supôr a influência de elementos superiores. A elatocefalia, o desenvolvimento das bossas parietais, juntamente com os caracteres já mencionados, leva-nos a classificar êste crânio como pertencendo às raças inferiores, embora lhe falte a mandíbula, para nos dar os restantes caracteres.

O crânio n.º 211 é dolicocéfalo, tem o índice cefálico 74,7. O índice nasal mesorrínio é 50,0 e pode atestar uma possível influência de elementos inferiores. O índice facial mesoprósopo pode atestar a influência mongólica. O índice orbitário camaecônquio indica que se trata de um crânio com órbitas baixas. Os índices verticais revelam que se trata de um crânio mais baixo, o que deixa ver provàvelmente a influência de elementos superiores. O índice do buraco occipital mesosémio pode revelar uma possível influência de elementos inferiores. O índice alveolar ortognata pode revelar a influência de elementos superiores, por se tratar de um crânio em que se encontram outras características da influência dos elementos superiores. A elatocefalia e o desenvolvimento acentuado das bossas parietais, juntamente com outros caracteres já mencionados, levam-nos a concluir que se trata de um crânio em que predominam os caracteres das raças inferiores, embora lhe falte a mandíbula para nos fornecer outros dados.

O crânio n.º 212 é dolicocéfalo, e tem o índice cefálico 73,3. O índice nasal 47,9 é leptorrínio. O índice

facial mesoprósopo pode talvez revelar uma influência mongólica. Os índices verticais hipsicéfalos revelam-nos uma possível influência de elementos inferiores. O índice do buraco occipital megasema indica-nos claramente a influência de elementos inferiores. O índice alveolar acusa o mesognatismo que pode atestar uma possível influência de elementos inferiores. O índice orbitário camaecônquio, deixa vêr que se não trata de um crânio com órbitas altas. A juntar às várias características que nos revelam a influência de elementos inferiores temos ainda o acentuado desenvolvimento da bossa parietal, o que nos leva a formular a conclusão de que neste crânio predominam os caracteres de inferioridade, a despeito de lhe faltar a mandíbula que nos podesse fornecer os restantes elementos de classificação.

A escassa série de crânios que são objecto do nosso estudo, não nos permite destacar um exemplar sequer de tipo único, sem influências conjugadas de elementos superiores e elementos inferiores.

Notaremos no entanto os crânios que, pelos seus mais importantes caracteres antropológicos, fornecidos pelas mensurações, apresentam muito mais afinidades com o tipo ariano ou indo-afghan puro (como os Rajaputras, os Brâmanes de Bengala, os Sikhs do Pandjab, etc.), e notaremos também os crânios que, pelos seus principais caracteres métricos, apresentam mais afinidades com o tipo drávida, acusando uma possível influência de elementos inferiores, negróides ou australianos.

Como exemplares dos que apresentam o maior número de caracteres que denotam a influência de elementos superiores, permitimo-nos destacar os seguintes crânios: n.os 318, 317, 315, 313, 312, 311 e 129. Nem

todos êstes crânios pertencem à mesma classe, ao mesmo grupo social, ou à mesma casta. Assim o crânio n.º 318 é de um descendente; os crânios n.ºs 317 e 313 são de indivíduos pertencentes à casta sudra; o crânio n.º 315 é de um brâmane; os crânios n.ºs 312 e 311 são de indivíduos pertencentes à casta châtria; e o crânio n.º 129 é de um curumbim.

Como exemplares dos que apresentam o maior número de caracteres que revelam a influência de elementos inferiores, destacamos os crânios seguintes: n.ºs 316, 123, 124, 125, 127, 128, 130 e 211. Da mesma forma como os anteriores nem todos êstes crânios pertencem à mesma classe, ao mesmo grupo social, ou à mesma casta. Os crânios n.ºs 316, 123 e 124, são de indivíduos pertencentes à casta sudra; os crânios n.ºs 127 e 128 são de indivíduos pertencentes à casta châtria; os crânios n.ºs 125 e 211 são de indivíduos pertencentes à classe dos ranes, que se dizem descendentes dos Rajaputras; e o crânio n.º 130 é de um curumbim.

Os restantes crânios pertencem ao que poderiamos chamar o *tipo intermédio* da nossa série.

No grupo que acusa mais caracteres de elementos superiores, incluimos os crânios pertencentes a indivíduos das mais diversas *nuances* da côr da pele. Temos, por exemplo o crânio do descendente, cuja pele é em geral de côr clara, mas não perfeitamente branca; e temos os crânios de indivíduos pertencentes à casta sudra e curumbim, que são em geral os mais escuros. "Selon M. Ratzel—escreve Charles de Ujfalvy—l'Hindou du type aryen est d'un teint foncé, presque de la couleur du café; la peau est généralement plus foncée chez les castes inférieures que chez les castes supérieures».

O estudo do índice vértico-transverso da nossa série

craniana leva-nos a concluir que se trata de crânios hipsistenocéfalos, à excepção sòmente dos crânios n.os 318, 315, 126 e 211. "É certo que êsse índice (o índice vértico-transverso) — escreve o Prof. Mendes Corrêa — é preferível ao índice vértico-longo para ajuizar da tendência hipsistenocéfala, porque, sendo hiperdolicocéfalos os hipsistenocéfalos, o alargamento longitudinal extremo atenua consideràvelmente no seu índice vértico-longo a influência da altura craniana. Um crânio hiperdolicocéfalo tem geralmente um índice vértico-longo muito baixo."

Os crânios não hipsistenocéfalos da nossa série, não são todos pertencentes a uma mesma classe, grupo ou casta. Os crânios n.os 318 e 126 são de indivíduos pertencentes à classe "descendente"; o crânio n.º 315 é de um brâmane; e o crânio n.º 211 é de um rane.

"Na África, — escreve o Prof. Mendes Corrêa — aparecem-nos hipsistenocéfalos hipsicôncos e mesoplatirrínicos, no seio de povos como sudanenses ocidentais somalis, galas, abissínios, ashantis, zulus, hotentotes, wahengas, ou até leptorrínios como dum ashango e dum uniamvesi. A pequena capacidade de sete sudanenses (m.) *Crânia Ethenica* (1300cc), menor do que a de todos os outros negros, complica bastante a pesquiza do significado da sua hipsistenocefalia. É essa capacidade uma reminiscência dum astraloide primitivo, cujo índice orbitário se elevara sob influências negríticas?... Nos outros crânios platirrínicos e de capacidade regular, que figuram na lista, é possível supôr ou a modificação dos primitivos hipsistenocéfalos sob influências negríticas, ou que se trata de flutuações acidentais do tipo negrítico numa direcção hipsistenocéfala".

Os crânios n.os 317, 313, 312 e 311 da nossa série são todos hipsistenocéfalos hipsicônquios leptorrínios.

Só o crânio n.º 312 é elatocéfalo tem a capacidade craniana 1.260cc, e é também mesosémio.

"É essa capacidade uma reminiscência dum astralóide primitivo, cujo índice orbitário se elevara sob influências negríticas?" O crânio n.º 317 é megalocéfalo microsémio prognata, e a megalocefalia não afasta muito a influência australóide ou negrítica. O crânio n.º 313 é megalocéfalo microsémio ortognata; é o crânio que mais se aproxima do tipo de Chancelade que é dolicocéfalo, megalocéfalo, hipsistenocéfalo, leptorrínico, de órbitas altas, ortognata. "Vê-se assim—escreve o Prof. Mendes Corrêa—que em pleno quaternário, ao lado dos primitivos hipsistenocéfalos meso-platirrínicos, prognatas e de órbitas microsemas, surgiam tipos de tendência hipsistenocéfala com órbitas mais altas, ortognatismo, e índice nasal mais baixo". O crânio n.º 311 é metriocéfalo, mesosémio, mesognata, e bem pode dizer-se que constitue na nossa série e no grupo hipsistenocéfalo, hipsicônquio, leptorrínio, o *tipo intermédio* entre os crânios n.os 317 e 313.

Os crânios n.os 316, 123, 124, 125, 127, 128, 130 e 211 são hipsistenocéfalos, camae ou mesocônquios, meso-platirrínios. Os crânios n.os 123 e 124 são camae-mesocônquios, meso-platirrínios e prognatas, embora o n.º 124 acuse mesognatismo que pode significar uma variação do prognatismo. "Até na actualidade—escreve o Prof. Mendes Corrêa—se encontram hipsistenocéfalos ou hipsistenocefaloides com os aludidos caracteres (camaecônquia, meso-platirrínia, prognatismo)".

Os crânios n.os 125, 127, 128, 130 e 211 são hipsistenocéfalos, camae-mesocônquios, meso-platirrínios, ortognatas. Serão crânios do tipo de Grimaldi, em que o ortognatismo representa uma méra variação individual? Ou será a "flutuação acidental do tipo negrítico numa

direcção hipsistenocéfala?„ Não nos sentimos autorizados a tirar conclusões definitivas, com uma série tão escassa como a nossa.

Os crânios n.os 129 e 212 são hipsistenocéfalos, camae-mesocônquios, leptorrínios, mesognatas. O crânio n.º 129 tem o índice orbitário mesocônquio (82,0) que parece aproximar-se mais da hipsicônquia. Pertencerá êste crânio ao tipo hipsistenocéfalo, hipsicônquio, leptorrínio, ortognata, em que a mesocônquia e o mesognatismo seriam simples variações individuais? Talvez. Mas o crânio n.º 212 tem o índice orbitário francamente camaecônquio (75,6). Representaria isto uma remota afinidade australóide ou negrítica? Talvez. "Também é possível — escreve o Prof. Mendes Corrêa — que se trate do resultado dum cruzamento, ou da influência de ortognatas-leptorrínicos sôbre os hipsistenocéfalos primitivos, de índice nasal elevado, de face mais ou menos proeminente, e fraca capacidade craniana„.

Que representará a hipsistenocefalia dos crânios da nossa série? "A homogeneidade relativa dos vedas de Ceylão — escreve Mendes Corrêa — e dos indús das castas inferiores de "facies vedaica„, argumentam também em favor do carácter primitivos destas populações da Ásia Meridional. Embora repartindo-se, pelos índices orbitários e nasais, em secções diferentes do quadro final, os párias do Pandjab de Havelock Charles, são em geral de capacidade fraca e ortognatas, como vimos, e muitas destas divergências não serão mais do que variações individuais em tôrno da média.

"O tipo veda, segundo Sarazin, é de órbitas mesosemas, fraca capacidade, ortognata e de face larga, e representa, como foi dito, uma sobrevivência actual duma população muito primitiva. É crivel porisso que no quaternário ao lado do *H. aurignacensis,* do *H. Grimaldii,*

do *H. taganus* e do *H. priscus,* houvesse um outro tipo de crânio alto e estreito, de presumível origem tropical (segundo Sarazin), tipo que seria "protovedaico". E mais adiante o mesmo Professor acrescenta: "Onde se torna mais evidente que os hipsistenocéfalos hipsicôncos não constituem muitas vezes mais do que méras flutuações ou variações individuais de outros tipos não hipsistenocéfalos ou dos hipsistenocéfalos de órbitas mais baixas, é entre os índús". Notamos, porêm, que o crânio n.º 318 da nossa série é não hipsistenocéfalo hipsicônco.

"A hipsitenocefalia,—escreve Mendes Corrêa—embora existindo nalgumas séries e em casos mais ou menos isolados, não é dominante na quási totalidade das populações actuais, o que constitui sem dúvida mais um elemento para acentuar a sua feição arcaica". A hipsistenocefalia dos crânios da nossa série, observada no maior número deles, indicará suficientemente que ela não é "dominante nas populações actuais?" Nada podemos afirmar em vista do pequeno número das nossas observações.

O índice nasal dos crânios da nossa série permite-nos destacar, em primeiro logar, pela sua platirrinia, os crânios n.os 316, 123, 124 e 125. Êstes crânios platirrínios não pertencem todos a uma mesma casta, pois três crânios da nossa série são de indivíduos pertencentes à casta sudra, sendo o quarto de um rane. Ora os ranes, como é sabido, são valentes e guerreiros, e é talvez com razão que se dizem descendentes dos Khastris do noroéste. Não se deve, portanto, tomar rigorosamente à letra a "lei de Risley", que considera o índice nasal como um índice comum de raça e casta. «*Even more striking*—diz êle—*is the curiously close correspondence betwen the gradations of racial type indicated by the nasal index and certain of the social data ascertained by*

independent enquiry. If we take a series of castes in Bengal, Bihar, the United Provinces of Agra and Oudh, or Madras, and arrange them in the order of the average nasal index, so that the caste with the finest nose shall be at the top, and that this order susbstantially corresponds with the accepted order of social precedence».

Embora um ou mais crânios, considerados isoladamente apresentem o índice nasal platirrínio, quando a série a que pertencem apresenta uma média leptorrínia ou mesorrínia, êle pouco influe sôbre o valôr da média. É sòmente às médias que podemos aplicar a "lei de Risley" sem pretendermos faze-lo a cada indivíduo de uma série.

No estudo que fizemos da cefalometria da casta brâmane na India Portuguesa, tivemos ocasião de verificar, em uma série de 165 indivíduos de índice nasal médio mesorrínio (71,1), alguns casos de platirrinia, ainda que não muito numerosos. Mas preguntar-se-há: o que significa esta platirrinia? Ela representa na India como em qualquer outra parte, uma característica de raças inferiores, sem relação com as classes sociais estabelecidas. "Ces individus à nez large—escreve Verneau —possèdent sûrement une quantité plus ou moins notable de sang noir; ils n'en font pas moins partie de la classe des nobles, et en s'alliant à ceux qui ont conservé la pureté originelle da la race, ils transmettrons à leur descendants les caracteres atténués de leur morphologie nasale".

A morfologia do maxilar inferior, segundo as conclusões de Nello Puccioni, dá-nos ensinamentos muitos úteis. E antes de entrarmos na análise da morfologia das mandíbulas do nosso estudo, expomos as conclusões do Prof. Nelo Puccioni.

Para o índice da altura do ramo êle estabelece a seguinte classificação:

Ramo muito alto	até 41,5
Ramo alto	de 41,6 a 45,5
Ramo médio	„ 45,6 a 49,5
Ramo baixo	„ 49,6 a 53,5
Ramo muito baixo	„ 53,6 para cima.

Pelo índice de altura do ramo estabelece a seguinte distribuição das raças e dos povos:

Ramo alto	42 — ...
	43 — Suecos.
	44 — Mentawei, Húngaros, Lombardos.
	45 — Neozelandezes, Peruvianos, Esquimós, Siracusanos.
Ramo médio	46 — Nios, Lapões.
	47 — Australianos, Neoguineanos, Siamezes. — Grupo de Cro-Magnon.
	48 — Neobretões, Patagões, Negros, Norte-africanos.
	49 — Chinezes, Kalmouks e Kirghiz, Guanches.
Ramo baixo	50 — Ostiaks — Grupo de Néanderthal, Grupo australo-caucasoide.
	51 — Indús, Botocudos.
	52 — Fuegianos, Hotentotes.
	53 — Samoyedas.

O índice de largura do ramo dá o ramo delgado como característico de alguns grupos humanos infe-

riores (Australianos, Fuegianos, indígenas de Nova Guiné) e mesmo algumas raças americanas (Botocudos, Patagões), emquanto os grupos mongoloides, ou o teem francamente atarracado *(trapue)* como por exemplo nos Samoyedas, Kalmouks e Kirghiz, ou se acham no limite inferior do ramo médio (Chinezes, Ostiaks).

Os povos que pertencem ao grupo das mandíbulas de ramo de largura média e de largura exagerada são êstes:

Larg. média
- 54 — Neobretões, Negros, Húngaros — Grupo Australo-caucasoide, Gr. negroide de Grimaldi.
- 55 — Indús, Siamezes, Peruvianos.
- 56 — Neozelandezes, Chinezes, Lombardos — Grupo de Cro-Magnon.

Larg. *trapue*
- 58 — Samoyedas.
- 58 — Kalmouks e Kirghiz, Lapões, Hotentotes, Esquimós.
- 59 — Guanches.
- 60 — Norte-africanos.

Angulo posterior. — São importantes as variações do ângulo posterior e as suas relações com os grupos étnicos. Para o ângulo posterior estabelece Puccioni a seguinte nomenclatura: até 65,5 = mandíbulas oxígonas; de 65,6 a 75,5 = mandíbulas mesogonas; de 75,6 para cima = mandíbulas ortógonas. "Os grupos do tipo caucasoide e do tipo mangoloide — escreve Puccioni — são de ordinário de mandíbulas oxígonas, enquanto os negros, os australóides e os americanos apresentam ângulos médios. Nas mandíbulas fósseis européas, os grupos de Néanderthal e australo-caucasoide são ambos

mesógonas, como também o grupo Cro-Magnon; mas o tipo australo-caucasoide parece ter um ângulo mais pequeno (oxígno), o que indica um ramo montante mais inclinado sôbre o plano alveolar. A mandíbula de Mauer é muito ortógona, com um valor (84°) que está absolutamente fora das oscilações individuais dos grupos humanos».

Para o ângulo mentonial a classificação proposta é esta: de 66° a 79° mandíbulas opistogenianas; de 80° a 89° = mandíbulas ortogenianas; de 90° para cima = mandíbulas progenianas. Sob o ponto de vista das médias do ângulo mentonial, os grupos australoides são todos de mandíbulas francamente opistogenianas, enquanto os mongoloides e a maior parte dos americanos são de mandíbulas ortegenianas. Nos grupos fósseis, o tipo de Néanderthal é de mandíbula opistogeniana, o Australo-Caucasoide é de mandíbula ortogeniana, e o de Cro-Magnon é de mandíbula progeniana.

Para o índice de altura-largura do corpo a classificação é esta: até 30,5 = mandíbula hiperleptosoma; de 30,5 a 32,5 = mandíbula leptosona; de 32,6 a 35,5 = mandíbula mesosoma; de 35,6 para cima = mandíbula paquisoma. O exame das medidas dêste índice é muito interessante, porque vêmos que os corpos muito delgados (hiperleptosomas) encontram-se sòmente nos macacos, enquanto as mandíbulas leptosomas pertencem ao grupo australoide, às mandíbulas inferiores fósseis do tipo Néanderthal; os maxilares inferiores do grupo caucasoide, mongoloide e do tipo australo-caucasoide, são exclusivamente mesosomas. As mandíbulas americanas são paquisomas, e as negroides são mesosomas e paquisomas.

Nello Puccioni estabelece a seguinte classificação de tipos raciais pelos caracteres mandibulares:

Tipo caucásico — Tem a apófise coronoide mais alta do que o côndilo (hipsicorona); chanfradura signoidea profunda (macrobaticeloma); ângulo do ramo com o corpo agudo (oxígona); ramo delgado (leptoclade); corpo médio (mesosoma); mento proeminente (progeniana).

Tipo australoide — Apófise coronoide mais alta ou igual ao côndilo (hipsicorona e isocorona); chanfradura pouco profunda (microbaticeloma); ângulo médio do ramo com o corpo (mesógona); ramo médio (mesoclade); corpo delgado (leptosoma); mento fugidio (opistogeniana).

Tipo mongoloide — Apófise coronoide de altura igual à do côndilo (isocorona); chanfradura profunda (macrobaticeloma); ângulo agudo do ramo com o corpo (oxígona); ramo atarracado (paquiclade e hiperpaquiclade); corpo médio (mesosoma); mento variável (orto ou progeniana).

Tipo americano — Apófise coronoide de altura variável (hipsicorona ou isocorona); chanfradura profunda (macrobaticeloma); ângulo médio do ramo com o corpo mesógona); ramo delgado ou muito delgado (leptoclade e hiperleptoclade); corpo atarracado (paquisoma); mento médio ou proeminente (orto e progeniana).

Tipo negroide — Apófise coronoide mais alta do que o côndilo (hipsicorona); chanfradura profunda (macrobaticeloma); ângulo posterior médio (mesógona); ramo médio (mesoclade); corpo médio ou atarracado (mesosoma e paquisoma); mento médio (ortogeaniana).

Grupo Néandertal — Isocorona, microbaticeloma, mesógona, leptoclade, leptosoma e opistogeniana.

Grupo Australo-caucasoide — Apófise coronoide mais alta do que o côndilo (hipsicorona); chanfradura profunda (macrobaticeloma); ângulo posterior médio (mesógona); ramo delgado (leptoclade); corpo médio (mesosoma); mento proeminente (progeniana).

Grupo de Cro-Magnon — Hipsicorona, macrobaticeloma, mesógona, mesoclade, mesosoma, progeniana.

Grupo negroide de Grimaldi — Hipsicorona, macrobaticeloma, mesógona, paquiclade, progeniana.

A classificação das mandíbulas dos crânios do nosso estudo é esta:

Crânio 318. — É hipsicorona, macrobaticeloma, ortógona, hiperleptoclade, hiperleptosoma, opistogeniana. Pelos seus caracteres parece revelar possíveis influências do tipo americano e australo-caucasoide, aliadas aos caracteres da mandíbula do tipo caucásico.

Crânio 317. — É hipsicorona, macrobaticeloma, ortógona (?), hiperleptoclade, hiperleptosoma, opistogeniana. Esta mandíbula revela possíveis influências do tipo americano e australo-caucasoide, aliadas aos caracteres da mandíbula do tipo caucásico.

Crânio 315. — É hipsicorona, microbaticeloma, ortógona (?), hiperleptoclade, leptosoma, opistogeniana. Parece revelar possíveis influências australóides a sobreporem-se às vagas e atenuadas influências do tipo caucásico.

Crânio 313. — É isocorona, macrobaticeloma, or-

tógona (?), leptoclade, leptosoma, ortogeniana (?). Pelos seus caracteres revela possíveis influências mongoloides e australoides, aliadas às muito atenuadas influências do tipo caucásico.

Crânio 312.—É isocorona, microbaticeloma, ortógona (?), leptoclade, leptosoma, opistogeniana (?). Esta mandíbula tem muitas afinidades com os caracteres da mandíbula anterior, e parece revelar como ela possíveis influências mongoloides e australóides, sobrepondo-se às influências muito atenuadas do tipo caucásico.

Crânio 311.—É hipsicorona, macrobaticeloma, ortógona (?), leptoclade, leptosoma, opistogeniana. Parece denotar possíveis influências mongloides, aliadas às do tipo caucásico.

Crânio 309.—É hipsicorona, microbaticeloma, ortógona (?), mesoclade, mesosoma, opistogeniana. Parece denotar possíveis influências australóides, aliadas às influências do tipo caucásico.

Crânio 123.—É hipsicorona, macrobaticeloma, ortógona (?), mesoclade, paquisoma, ortogeniana. Pela classificação de Puccioni, parece tratar-se de uma mandíbula com os mais nítidos caracteres do tipo negroide.

Crânio 124.—É hipsicorona, macrobaticeloma, ortógona (?), mesoclade, mesosoma, ortogeniana. Esta mandíbula parece revelar possíveis influências australo-caucasoides.

Crânio 126.—É hipsicorona, macrobaticeloma, ortógona (?), mesoclade, leptosoma, opistogeniana. Esta

mandíbula parece revelar possíveis influências, embora muito atenuadas, do tipo caucásico.

Crânio 127.—É hipsicorona, microbaticeloma, ortógona (?) mesoclade, mesosoma, opistogeniana. Parece denotar possíveis influências australóides, associadas às influências muito vagas do tipo mongólico.

Crânio 128.—É hipsicorona, microbaticeloma, ortógona, (?), leptoclade, mesosoma, opistogeniana. Esta mandíbula parece revelar possíveis influências do tipo australóide, associadas às influências muito vagas dos tipos mongólico e caucásico.

Os Brâmanes

(Estudo cefalométrico)

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande preeminencia;
Observam os preceitos tão famosos
D'hum que primeiro pôs nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia;
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

LUSÍADAS

Canto VII, Est. XL.

Achamos que tem muita oportunidade apresentar o estudo cefalométrico, embora feito em um reduzido número de indivíduos da casta Brâmane, em confronto com o estudo craniométrico.

Bem sabemos que o estudo craniométrico, pela heterogeneidade dos exemplares e pelo reduzido número de crânios de cada grupo de castas, poucos dados nos poderá oferecer — mas êsses mesmos representarão já alguma coisa.

Para o estudo cefalométrico escolhemos sòmente os indivíduos do litoral de Gôa, porque era nossa intenção fazer um estudo comparado de indivíduos do litoral e do interior, pertencentes a uma mesma casta, a ver se encontrávamos variações individuais que as variações climáticas justificassem. Porêm, a escassez de tempo não nos permitiu maior desenvolvimento, e forçou-nos a renunciar à realização do projecto que tivéramos em mira, qual era o de estudar em cada casta, tais como elas existem, as subcastas do litoral e do interior, tanto na população cristianizada como na população indú.

O nosso insignificante trabalho consiste em 165 mensurações que nos podem permitir, ainda que modestamente, formular certas conclusões. Não temos nem tivemos pretenções a tirar conclusões de carácter definitivo, emparceirando-as com as conclusões a que chegaram os antropologistas como Risley, Crooke, Havelock Charles, Thurston, Sarazin, Schmidt, Jagor, Fonseca Cardoso e Mendes Corrêa.

Antes de publicarmos os mapas dos índices principais determinados nestes indivíduos, damos resumidamente os seus caracteres descritivos: são quási todos de estatura elevada, compleição débil, tez escurecida, rôsto ovalar, cabeça arredondada, cabelos lisos e negros, olhos talhados em amêndoa. A diferença da côr é bastante

sensível entre pessoas que vivem expostas ao sol e as que vivem recolhidas em suas casas, como em geral sucede com a mulher indú de casta brâmane, a quem a religião proibe ter contactos com pessoas que não são da sua casta e da sua seita, e que a traz fechada, encerrada em uma espécie de *gineceus,* que lembram os dos velhos tempos romanos. "Selon M. Ratzel, — escreve Charles de Ujfalvy — l'Hindou du type aryen est d'un teint foncé, presque de la couleur du café; la peau est généralement plus foncée chez les castes inférieures que chez les castes superieures. La taille est moyenne, les cheveux sont lisses et noirs, le visage est agréable et d'un oval parfait, le nez est mince et légèrement arqué, les yeux sont grands et taillés en amende, les lèvres sont épaisses et le menton peu accusé„.

QUADRO XXX

Números de Boletins	Índice cefálico	Índice nasal	Índice facial-superior	Índice auricular	Estatura
1	85,9	76,0	78,5	56,1	1,64
* 2	80,7	81,8	84,6	51,7	1,56
* 3	80,3	72,7	96,0	58,6	1,50
4	84,4	70,3	88,8	52,8	1,60
5	83,0	69,8	75,8	48,4	1,65
6	87,7	62,0	89,6	51,6	1,64
7	85,9	64,4	92,3	64,7	1,55
8	83,0	60,7	85,7	61,2	1,70
9	84,7	83,3	82,7	60,9	1,62
* 10	94,9	77,2	82,7	51,6	1,55
11	86,2	69,8	82,7	58,4	1,70
12	81,0	91,1	96,0	61,0	1,70
13	83,0	80,0	78,5	44,1	1,60
* 14	79,3	60,4	92,3	53,8	1,49
* 15	82,7	78,4	88,0	56,4	1,62
16	89,4	78,0	71,4	53,7	1,74
* 17	90,9	69,2	78,5	50,9	1,55
18	84,7	64,2	82,7	46,9	1,65
19	87,5	68,0	81,4	46,5	1,67
20	83,3	68,4	85,7	55,0	1,71
21	87,5	68,6	75,8	57,8	1,66
* 22	87,5	73,0	73,3	57,4	1,49
23	92,7	77,3	86,6	57,1	1,72
24	84,7	56,2	85,7	56,4	1,72
* 25	90,9	79,2	68,7	50,8	1,60
26	81,0	72,9	92,3	52,3	1,64
27	84,2	78,7	100,0	58,9	1,60
* 28	89,0	78,2	85,7	52,0	1,53
* 29	90,7	80,0	78,5	55,7	1,59
* 30	85,4	72,9	84,6	57,4	1,56
31	84,4	70,0	85,7	52,4	1,82

Nota. — Os boletins indicados com o sinal * são de indivíduos de sexo feminino.

QUADRO XXX *(Continuação)*

Números de Boletins	Índice cefálico	Índice nasal	Índice facial-superior	Índice auricular	Estatura
*32	87,0	76,5	92,3	56,8	1,62
33	84,7	82,6	88,8	58,4	1,79
34	85,9	96,0	92,8	55,5	1,62
35	85,4	54,5	88,8	53,8	1,67
*36	85,3	6,66	82,7	58,9	1,87
*37	90,7	68,0	92,3	54,3	1,62
38	89,0	98,0	89,6	53,4	1,78
39	89,0	61,1	88,8	56,6	1,59
40	87,5	60,7	92,3	48,2	1,75
41	89,0	82,9	100,0	62,2	1,69
42	79,3	78,0	92,3	53,9	1,73
43	91,0	74,0	77,4	55,5	1,66
*44	82,4	72,0	96,0	50,9	1,52
45	85,9	62,0	100,0	68,4	1,70
46	82,4	68,0	85,7	57,5	1,63
*47	85,4	80,4	88,8	60,7	1,57
*48	83,6	77,2	92,3	54,5	1,62
*49	92,3	74,4	88,8	60,0	1,52
*50	90,3	91,6	71,4	54,5	1,44
51	87,2	70,0	96,2	56,3	1,66
52	87,5	77,0	82,7	51,5	1,66
*53	87,0	69,5	81,4	57,6	1,54
54	85,9	88,0	100,0	54,6	1,78
*55	82,4	72,3	81,4	44,0	1,57
*56	80,3	73,9	81,4	58,6	1,47
57	68,4	73,3	92,3	54,6	1,72
*58	83,6	53,8	100,0	50,9	1,59
*59	87,0	68,1	81,4	52,9	1,58
60	89,2	77,0	80,0	51,5	1,60
*61	89,0	78,9	71,4	51,7	1,57
62	85,9	69,0	89,6	50,8	1,81
*63	83,6	80,9	81,4	53,7	1,63
*64	85,1	62,7	78,5	61,2	1,63
65	86,2	75,0	89,6	57,8	1,77
66	88,8	67,9	92,8	64,8	1,77

QUADRO XXX *(Continuação)*

Números de Boletins	Índice cefálico	Índice nasal	Índice facial-superior	Índice auricular	Estatura
* 67	83,9	70,2	78,5	57,4	1,52
68	85,7	70,8	82,7	52,3	1,69
69	87,5	56,6	8,66	54,2	1,74
70	79,3	69,3	82,7	63,6	1,68
* 71	87,2	68,7	89,6	60,9	1,57
72	90,7	58,0	89,6	56,8	1,69
73	87,5	67,3	88,8	55,9	1,76
* 74	92,5	79,4	73,3	44,6	1,68
* 75	88,6	58,8	88,8	57,3	1,56
76	85,9	70,3	100,0	48,5	1,67
* 77	87,2	84,6	75,8	60,3	1,58
78	88,1	78,2	81,2	59,3	1,76
* 79	89,0	72,3	82,7	59,6	1,50
80	89,0	79,1	96,2	68,7	1,67
* 81	89,0	77,5	81,4	53,5	1,58
* 82	89,0	70,2	82,7	51,9	1,64
* 83	89,0	71,1	82,7	58,6	1,60
84	89,0	72,9	85,7	58,6	1,74
85	87,7	60,0	82,7	62,0	1,68
86	83,9	81,5	81,4	45,7	1,63
* 87	85,9	75,0	71,4	56,8	1,60
* 88	94,2	66,6	75,8	57,4	1,60
* 89	87,2	77,2	73,3	56,8	1,55
90	89,0	68,7	92,8	57,6	1,55
91	87,7	47,2	96,2	44,8	1,67
92	81,3	80,8	92,3	54,8	1,57
93	85,9	75,5	82,7	51,4	1,69
* 94	88,8	64,4	84,6	59,5	1,60
95	87,7	78,2	82,7	58,1	1,69
96	89,2	79,1	80,0	66,6	1,68
97	84,4	69,3	82,7	57,6	1,69
98	87,7	68,5	89,6	63,6	1,71
99	85,7	69,0	96,2	52,1	1,67
100	86,2	70,5	89,6	45,0	1,81
* 101	87,5	66,0	92,8	54,2	1,60

QUADRO XXX *(Continuação)*

Números de Boletins	Índice cefálico	Índice nasal	Índice facial-superior	Índice auricular	Estatura
102	89,0	69,2	89,6	51,5	1,49
103	90,9	51,0	100,0	50,8	1,78
104	89,2	53,4	100,0	50,8	1,72
105	79,6	83,6	88,8	60,0	1,60
106	85,6	70,4	81,4	50,0	1,57
107	81,0	70,4	88,0	52,7	1,50
108	86,2	79,1	82,7	58,0	1,76
109	83,0	82,6	85,7	60,7	1,69
110	91,0	73,4	86,6	60,0	1,60
111	89,4	77,5	77,4	50,0	1,72
112	90,9	64,9	82,7	52,8	1,63
* 113	84,2	70,5	81,4	53,7	1,56
114	87,5	80,0	73,3	46,7	1,61
115	87,5	82,6	78,5	53,0	1,56
116	85,9	70,5	85,7	50,8	1,59
117	82,7	75,0	78,5	51,6	1,68
118	83,0	63,2	85,7	50,0	1,78
119	82,4	68,0	81,4	61,5	1,66
* 120	90,9	74,0	73,3	42,8	1,61
* 121	88,8	77,3	75,8	53,5	1,62
* 122	88,8	77,2	78,5	50,9	1,55
* 123	85,4	76,0	81,4	51,5	1,52
124	85,9	70,0	86,6	57,1	1,76
125	85,7	78,2	92,3	58,4	1,57
* 126	90,7	67,3	75,8	43,2	1,55
127	87,7	84,4	78,5	51,6	1,79
* 128	85,7	71,4	88,8	48,6	1,64
* 129	85,4	68,0	81,4	50,0	1,57
130	91,0	68,6	88,0	63,0	1,80
131	82,7	76,5	78,5	58,9	1,79
132	79,3	71,2	92,3	55,5	1,62
133	83,0	77,0	78,5	55,5	1,68
* 134	85,4	80,8	84,6	52,8	1,47
* 135	83,9	80,4	81,4	48,1	1,52
136	83,9	68,7	75,8	62,7	1,65

QUADRO XXX *(Continuação)*

Números de Boletins	Índice cefálico	Índice nasal	Índice facial-superior	Índice auricular	Estatura
137	81,6	64,8	89,6	53,0	1,71
138	87,5	74,4	85,7	57,7	1,70
* 139	87,5	64,5	73,3	62,2	1,55
140	86,4	59,6	92,8	64,9	1,67
141	89,4	75,4	86,6	64,5	1,81
142	83,0	76,0	88,8	54,0	1,74
143	80,7	75,0	88,8	54,3	1,73
144	87,7	82,6	80,0	57,6	1,75
* 145	82,1	62,9	85,7	58,1	1,50
* 146	82,4	72,8	78,5	59,6	1,58
* 147	82,4	77,2	80,0	56,6	1,58
148	87,9	51,5	93,3	55,3	1,77
149	87,2	57,4	78,5	53,3	1,68
150	91,0	72,3	81,2	56,4	1,68
151	85,9	66,6	88,8	54,2	1,70
152	84,4	62,5	85,7	65,0	1,66
153	83,9	54,5	92,3	56,4	1,73
154	87,7	64,1	86,6	56,4	1,78
155	82,4	64,8	78,5	51,7	1,61
156	90,9	57,6	80,0	63,4	1,60
157	87,2	61,8	82,7	60,0	1,65
158	83,0	71,1	85,7	57,6	1,68
159	85,9	78,0	82,7	51,7	1,62
160	85,7	72,0	85,7	57,3	1,72
161	89,0	77,0	88,8	52,6	1,72
162	85,0	70,5	92,8	55,3	1,66
163	86,2	63,6	92,8	58,9	1,67
164	89,0	62,9	88,8	60,0	1,63
* 165	87,2	75,0	71,4	55,1	1,59

QUADRO XXXI

Índice cefálico

Médio	86,3
Máximo	94,2
Mínimo.	68,4

		N.º de indivíduos	Percentagem
Dolicocéfalos — inferior a 75		1	6 ‰
Mesocéfalos .	de 75 a 77,5	—	—
	de 77,5 a 80	5	3 %
Braquicéfalos	de 80 a 82,5	15	9 %
	de 82,5 a 85	31	18 %
	de 85 a 87,5	53	31 %
	de 87,5 para cima . . .	59	35 %

QUADRO XXXII

Índice nasal

Médio	71,1
Máximo	98,0
Mínimo	51,0

		N.º de indivíduos	Percentagem
Leptorrínios	inferior a 60	14	8 %
	de 60 a 65	22	13 %
	de 65 a 70	29	17 %
Mesorrínios	de 70 a 75	41	24 %
	de 75 a 80	35	21 %
	de 80 a 85	18	10 %
Platirrínios	de 85 a 90	1	6 ‰
	de 90 para cima	4	2 %

QUADRO XXXIII

Índice facial

Médio	85,7
Máximo	100,0
Mínimo.	71,4

		N.º de indivíduos	Percentagem
Cameprósopos — inferior a 75.		12	7 %
Mesoprósopos.	de 75 a 80	24	14 %
	de 80 a 85	43	26 %
Leptoprósopos	de 85 a 90	49	29 %
	de 90 a 95	19	11 %
	de 95 para cima	14	8 %

QUADRO XXXIV

Estatura

Média	$1^m,55$
Máxima	$1^m,82$
Mínima	$1^m,44$

		N.º de indivíduos	Percentagem
Baixa — inferior a $1^m,50$		6	3 %
Média . . .	de $1^m,50$ a $1^m,55$. . .	17	10 %
	de $1^m,55$ a $1^m,60$. . .	33	20 %
Elevada . .	de $1^m,60$ a $1^m,65$ . . .	25	15 %
	de $1^m,65$ a $1^m,70$ . . .	36	21 %
	de $1^m,70$ para cima . . .	38	23 %

Ácerca das medidas obtidas em 165 indivíduos, chegamos nós às seguintes conclusões:

Que predominava neles um grau de nutrição fraco, tanto nos homens como nas mulheres; que a côr dos olhos correspondia em ambos os sexos ao n.º 3 da escala de Topinard, o que representa a predominância da côr castanho-escura; que a côr dos cabelos também correspondia em ambos os sexos ao n.º 3 da escala de Topinard, o que denota a predominância do cabelo escuro; que a côr da pele nos indivíduos de sexo feminino correspondia ao moreno e que nos homens tendia mais para o moreno carregado; que a conformação dos cabelos correspondia ao cabelo lissotrique; que a pilosidade era muito fraca no sexo feminino, e no sexo masculino era média no rosto e no corpo; que predominava a forma do nariz rectilíneo, com base levantada, tanto no sexo masculino como no feminino; que a estatura era baixa no sexo feminino, e alta ou acima da média no sexo masculino; que o índice cefálico indicava em ambos os sexos a predominância da sub-braquicefalia, considerada segundo a classificação de Broca, que o índice nasal denotava a predominância do mesorrínio, sendo também freqüente o tipo leptorrínio; e que o índice facial denotava a leptoprosópia acentuada.

Dentre os caracteres da nossa série, o que mais nos chama a atenção é a predominância do crânio largo, uma acentuada tendência para a braquicefalia, que nos parece ser devida às remotas influências negríticas que se localizaram na parte meridional da India. «*The Dravidian,* — escreve Giuffrida-Ruggeri — *travelling from Iran into India, would have brought with them more brachycephalic elements, ad we may suppose that these Negritos were, who anyhow are not wanting even in the Indian Peninsula. A band of Negritos is spread along*

the southern regions of Asia, and probably also Arabia — the terminal portion of anterior Asia, and comparable with regard to its geographical position with the Deccan, the terminal portion of the sub-Himalayan region — owes to the Negritos the elevation of the cephalic index among the inhabitans of the south».

Mas a braquicefalia só por si não basta para garantir a influência de elementos inferiores, pois se o índice nasal mais elevado, como afirma Verneau, é revelador da influência ancestral negrítica, a nossa série acusa o índice nasal médio messorrínio, segundo a classificação de Topinard. Esta média do índice nasal pode-nos revelar, ainda que vagamente, influências mongólicas, cuja importância parece quererem afastar os índices orbitário mais baixo e o facial mais elevado.

É certo, porêm, que encontramos na nossa série alguns exemplares de índice nasal platirrínico, o que poderia denotar influências negríticas, atuando nestes exemplares, enquanto outros há que acusam leptorrinia, que representa naturalmente influência caucasoide. E a verdade é que se não pode nunca obter uma série absolutamente homogénea, porque existem em cada um de nós influências das mais diversas. "Los rasgos típicos de la raza — escreve Aranzadi — existen en los individuos, pero con variaciones tanto más grandes cuanto más numeroso sea el grupo que estudiemos, quanto más variadas sean su género de vida y las condiciones vitales del país, cuanto más mezcla con otras razas haya habido en otros tiempos ó la haya en la actualidad».

Antes de classificarmos o tipo antrapológico da nossa série, de acôrdo com a classificação feita por Risley, publicamos o resultado de investigações antropológicas na India, feitas por vários autores, para estabelecermos o confronto mais rigoroso com as nossas observações:

Topinard dá-nos os seguintes números para o índice cefalométrico: — Todas de Nilghiris, (Jager) 71,4; Kurumbas, 73,9; Irulas de Decão, 74,0; Maravars, 78,8; Galtchas de Kohistan, (Ujfalvy) 86,5. Deniker diz que a estatura, nas populações onde se nota a influência dravídica, é mais baixa do que na parte setentrional, sendo $1^{m},63$ e $1^{m},64$; o índice cefálico é 75,7, e o índice nasal oscila entre 74 e 80,5. Segundo Giuffrida, Ruggeri em 86 Tamils obteve-se a estatura média 1,636; o índice cefálico médio determinado em 149 indivíduos deu 75,66; e o índice nasal médio em 43 indivíduos deu 76,67. Nos indús em que predominavam os caracteres dravídicos obteve-se em 6423 indivíduos a estatura média 1,623; o índice cefálico médio determinado em 6528 indivíduos deu 75,2; o índice nasal médio em 5904 indivíduos deu 82,37. Em 88 vedas obteve-se a estatura média 1,571; o índice cefálico médio em 55 indivíduos deu 75,1; e o índice nasal médio em 8 indivíduos deu 84,18. Émile Deschamps em 8 vedas obteve a estatura média de 1,575; o índice cefálico médio 72,31; e o índice nasal médio 84,18.

E 44 indivíduos de Satary, província de Gôa, Fonseca Cardoso determinou a estatura média $1^{m},63$; o índice cefálico médio 75,4; o índice nasal médio 74,0; o índice facial médio (ófrio-mento-zigomático) 103,9; e o índice auricular médio 54,9. Herbert Risley determinou, para o tipo scito-drávida, em 100 Kokanasth Brãhman de Bombaim e Poona a estatura média 1,655; o índice cefálico médio 77,3; e o índice nasal médio 76,6. Em 100 Kumbís de Poona obteve a estatura média 1,600; o índice cefálico médio 77,4; e o índice nasal médio 79,2.

O mesmo autor obteve em 25 Brãhmans de Malabar, pertencentes ao tipo drávida, a estatura média 1,643;

o índice cefálico médio 74,5; e o índice nasal médio 76,5. Como tipo ário-drávida descreve Risley a tribu de Sinhalese de Ceylão, tendo obtido em 56 indivíduos desta tribu a estatura média 1,625; o índice cefálico médio 78,4; o índice nasal médio 82,6. Também em 77 Musahar das Províncias Unidas de Behar, o mesmo autor obteve a estatura média 1,591; o índice cefálico médio 75,7; o índice nasal médio 88,7. Risley não tem dúvida em considerar ário-drávidas os indivíduos de acentuada platirrinia, de estatura baixa e dolicocéfalos — caracteres do tipo drávida, pertencendo provàvelmente à variedade *dravídica platirrínia* que Deniker descreve como sendo dolicocéfala, de estatura baixa, de côr escura, de nariz largo e achatado, de face arredondada, e que se acha espalhada nas regiões montanhosas do oeste de Bengala, Oude e Orissa, e em alguns pontos de Rajputana e de Guazzerate, encontrando-se principalmente, na India meridional e nas províncias centrais, ao sul dos rios Narbada e Mahanadi: "*Chez les Hindous du Behar,* — escreve Deniker — *des provinces do Nord-Ouest et Oude, ches les Mahrates d'entre la rivière de Tapli et le Goa, le type s'altère por suite des mélanges avec les Dravidiens: la taille s'abaisse, la tête s'arrondit, le nez devient plus large, le teint plus foncé, etc.*...

Da nossa seriação obtivemos os seguintes dados: estatura média $1^{m},55$; índice cefálico médio 86,3; índice nasal médio 71,1; índice facial médio superior a 90. Ora, francamente, sentimos apoderar-se de nós a hesitação para fazermos a classificação da nossa série, pois encontramos na seriação de Risley, incluidos no grupo ário-drávida, indivíduos de índice nasal elevado. Se por um lado, a tendência braquicéfala dos indivíduos da nossa seriação poderá levar-nos a supôr uma influência mongólica, a estatura média baixa poderá revelar uma

influência dravídica, o índice nasal quási leptorrínio, segundo a classificação de Topinard, nos revela possivelmente uma influência caucasoide, a qual é reforçada pela côr da pele correspondente ao n.º 3 de Topinard, que é, segundo a opinião de Ujfalvy, dum tom levemente pardo nas populações arianas da India.

Não andamos certamente muito longe da verdade quando afirmamos que a nossa série deixa ver claramente que se trata de uma mescla de raças, provavelmente produzida pela influência da babugem humana das mais diversas procedências lançada à praia pelo comércio do Oriente. Não será demais tomar também na devida conta a relativa influência do clima na modificação do tipo antropológico indo-português. "O homem —escreve Oliveira Martins— não é decerto o produto do local (ou do *meio,* como se diz em francês), em que vive; as condições, porêm, da sua existência, influem de um modo positivo, não só no sentido de caracterizar as manifestações do desenvolvimento físico e moral das sociedades: não só no de permitir ou impedir, fomentar ou embaraçar, a germinação das sementes que a natureza poz na inteligência humana; mas até no sentido de influir na própria constituição física dos homens, de um modo tal, que chega a determinar sub-categorias de capacidade étnica, dentro dessas categorias consideradas primitivas e com as quais os antropólogos negam a unidade específica da humanidade, e a dividem em doze espécies, ou raças naturais".

*
* *

Para o nosso estudo cefalométrico adoptamos o método que Fonseca Cardoso adoptou para o estudo do

indígena de Satary. Bem sabemos que é uma técnica *arrièré*, mas as circunstâncias em que o fizemos não permitiam mais. O nosso trabalho representa simplesmente um esfôrço da nossa vontade que se não anquilisou perante a falta quási completa de todos os recursos: a falta de livros e revistas de especialidade, e ainda a falta de alguêm que, com a autoridade incontestável e incontestada, nos guiasse os primeiros passos e nos indicasse a orientação scientífica a adoptar. Foi só no Pôrto, sob a esclarecida direcção do Prof. Mendes Corrêa, que conseguimos actualizar os nossos conhecimentos, e foi assim que, seguindo as instruções do Congresso de Monaco de 1906 e do Congresso de Génova de 1912, tivemos ocasião de fazer o estudo antropológico de um doente da clínica do Prof. Tiágo d'Almeida, de um doente da clínica do Dr. Gonçalves d'Azevedo, e de um indivíduo que foi estudado pelo Dr. Amândio Tavares.

Para o estudo cefalométrico dispensamos o auxílio da História e da Linguística, não porque tivessemos julgado de nenhum valôr estas sciências subsidiárias de Antropologia, mas tão sòmente porque participamos da opinião do imortal autor da *Thaïs*, que considera a História não como sciência, mas sim como arte; e quanto à Linguística escreve F. Frassetto: «*Ma era logico dire che due razze appartengono alla stessa specie solo perchè parlano la stessa lingua? Possiamo noi dire che i Negri dell'America del Nord appartengono al ceppo ariano, solo perchè parlano l'inglese, che è lingua di populi ariani?*»

Conclusão

Antes de formularmos as conclusões definitivas do nosso trabalho, confrontaremos os resultados e as conclusões a que chegaram os autores que procederam a êstes estudos na India.

Para Risley há dois tipos na India: o tipo ariano e o tipo drávida. O primeiro é caracterizado pela dolicocefalia, leptorrinia, face longa, simétricamente estreita, fronte bem desenvolvida, feições regulares, ângulo facial considerável, e estatura elevada, oscilando entre 1,716 nos Sikhs de Pandjab, e 1,656 nos Brâmanes de Bengala. O tipo drávida é geralmente dolicocéfalo, mas todos os outros caracteres o distinguem do tipo ariano: o nariz é grosso e largo, e a sua forma é mais platirrínica do que a de qualquer outra raça; o ângulo facial é relativamente fraco; os lábios são grossos; a face é larga e cheia; as feições são grosseiras e irregulares; a estatura varia de 1,562 a 1,621.

Risley é de opinião que os resultados antropológicos estão de acôrdo com a longa tradição das castas

que veem dos tempos védicos, e chega a afirmar que o índice nasal é ao mesmo tempo o índice característico de raça e de casta.

Mas Havelock Charles, nas mensurações feitas no norte da India em 96 crânios de casta inferior, obteve o índice nasal médio leptorrínio, tendo encontrado alguns casos de platirrinia. Para melhor elucidação publicamos o seguinte mapa de Havelock Charles: "*Table showing the Indices and Cranial Capacity of a Panjab skull of a Low Caste*":

	Cranial Capacity in Cb. Cts.	Average Índices			
		Cephalic	Gnatic	Nasal	Orbital
Total Average of 96 Skulls.	1340	70,1	92,1	47,5	86,3

Trata-se portanto de uma série dolicocéfala, ortognata, leptorrínia e mesosema, em que talvez a oligocefalia revela possivelmente uma influência inferior.

Também os crânios por nós estudados denotam dolicocefalia e leptorrínia, à excepção da casta sudra e de um rane que denotam platirrinia. E Fonseca Cardoso, no seu estudo em Satary, encontrou também casos de platirrinia nos ranes. Que significará isto? Será a platirrinia a característica ancestral dos habitantes da região, em que a leptorrinia representaria sòmente uma estratificação,—uma influência dos Siks invasores? Émile Deschamps, após estudos feitos no Veda, chega à seguinte conclusão: "que le Vedda représente, à la fin du XIX^{e} siècle, l'homme des premier âges de l'humanité; que les

Veddas, vestige également aryan, s'identifieraient avec les anciens Yakkhas, à croyances démoniaques; que ces Yakkhas, venus du Nord à une époque très ancienne, se sont mélangés à la race négrille qui occupait toute l'Inde et Ceylan et leur ont ainsi emprunté les caractères physiologiques et autres qu'ils ont seuls».

O reduzido número das nossas observações impede-nos de formular conclusões de carácter definitivo sôbre a análise etnogénica dos crânios por nós estudados. Todavia, confinados no domínio da hipótese, faremos o possível. Não nos pronunciaremos sôbre os crânios da casta brâmane, porque só pudémos estudar dois crânios, um de cada sexo, e para mais um dêles em péssimo estado de conservação.

O nosso estudo leva-nos primeiramente a destacar o grupo dos crânios do *descendente*. Certamente o grupo "descendente», pela impropriedade da designação sob o ponto de vista antropológico, deixará intrigado quem não conheça o significado *local* da palavra.

Na India costuma-se designar por "descendente» . . . os descendentes de portugueses estabelecidos aí desde os remótos tempos da conquista; e até extensivamente se designa por "descendente» os *mestiços* resultantes dos casamentos de portugueses com indianas, casamentos mandados efectuar por Afonso de Albuquerque, para a realização do plano que sonhára da política assimiladora na India. Ora os crânios do "descendente» por nós estudados, deixam ver com clareza a associação de caracteres caucasoides com os caracteres dravídicos, e se não fôra isso, ficaríamos sem saber se êstes caracteres caucasoides eram portugueses ou indianos.

A casta sudra tem as mais nítidas características do tipo drávida, e segundo a opinião de Risley a platirrinia do grupo sudra pode ser considerada como caracterís-

tica da casta. E segundo Campbell, citado por Quatrefages e Hamy, "les Chamars du Malabar, sont les principaux représentants indiens de la race négrito". E Giuffrïda-Ruggeri acrescenta: "we prefer to confine the Dravidian race to the mesorrhine type. In such manner we confer on the Pre-Dravidians the present mumerical preponderance, and their importance in the ethnic strafication of India augments proportionally".

Os crânios ranes por nós estudados, ainda que em número muito pequeno, permitem-nos formular conclusões que se aproximam das conclusões de Fonseca Cardoso. E é assim que podemos considerar como duas variedades, sendo uma a *dravídica platirrínia* de Deniker, que está também de acôrdo com a conclusão do Prof. Mendes Corrêa; e a variedade lepto-mesorrínica, na qual parece também acentuar-se a influência dos Khastris de noroéste.

Os crânios da casta châtria também se nos apresentam sob duas variedades: uma com predominância de caracteres caucasoides, e outra com predominância de caracteres dravídicos. É sabido que os châtrias cristãos se cruzam com sudras, e é possível que a influência sudra vá atenuando entre êles a influência caucasoide.

De onde teria sido levada para a India meridional a influência caucasoide, se é que os arianos não ultrapassaram os limites inferiores das províncias do Decão? Teriam sido os Sikhs, guerreiros aventurosos, que invadiram a India meridional? Teriam sido influências iranianas levadas no bojo das pirogas persas? Teriam sido influências mediterrâneas, egípcias ou venezianas? "Interrogando, — escreve Oliveira Martins — paramos sempre nos confins do saber. O mistério da nossa origem, o segredo dos nossos primeiros passos apresentam-se como problemas em que nenhumas afirmações são líci-

tas, mas sòmente hipóteses quando se estribem em noções racionais, e não contradigam regras averiguadas».

*
* *

Do nosso breve escôrço antropo-social pode-se inferir que as castas de Gôa, pelo menos na sua parte cristianizada, aproximam-se bastante umas das outras sob o ponto de vista etnogénico, à excepção talvez da casta sudra que se apresenta como uma raça autóctone da India.

Mas, a despeito da nossa conclusão, as castas hão de subsistir na India, pelo menos por um largo período de anos. E porque? Porque a transmissão hereditária do preconceito na população indiana escravisa-a por tal forma, que chega a inibir qualquer movimento de emancipação que se promova.

Quando um preconceito se reveste das formas misteriosas de um mito e se apresenta como uma doutrina fundamental de uma teogonia, êle adquire o poder sobrenatural de dominar hereditàriamente a consciência colectiva. L'hérédité m'apparâit aujourd' hui,—escreve Léon Daudet—après trente ans de réflexion, d'observation sur l'homme, et de lecteurs, comme un attribut, constant et permanent, de la vie, comme la principale force qui meut les êtres animés, et comme la génératrice de cette grande mémoire congénitale, dont la mémoire individuelle n'est qu'une subdivision. On pourrait dire, sans trop d'hyperbole, que l'hérédité c'est la mémoire. Elle est associée à la trame de l'être et souvent en lutte avec ce qui constitue sa persone, avec ce j'ai appelé son *soi*».

Mas as castas hão de subsistir emquanto não lhes

fôr retirada a sanção religiosa que as faz persistir na crença popular. Facto idêntico se dá também na Europa, onde, apesar da doutrina de Darwin, e de outros que se lhe seguiram, sôbre a origem do Homem, ainda hoje persistem as *noções radicais* de que fala Ernest Seillière, e que atraz mencionamos. E a humanidade viverá sempre escravizada pelo preconceito religioso, seja qual fôr a sua procedência,—porque o misticismo é o fundo moral da espécie humana. "Só por lentas elaborações de ideias,—escreve João Grave—atravez de gerações sucessivas, é que o homem se pode redimir do passado, de que é um produto, e não de um momento para o outro, por um simples decreto, por um capricho da sua vontade».

O regime de castas, retalhando em mil pedaços o território industânico, não leva o nosso septicismo a ponto de deixar encrespar no nosso espírito a prega da dúvida sôbre o sentimento nacional e a unidade da raça (considerada no sentido político), como pretendera demonstrar G. le Bon. Não somos dos que julgam a raça um monótono agregado humano, caracterizado pela uniformidade dos caracteres somáticos dos seus associados, mas sim um agregado de homens gemendo a mesma dôr e cantado a mesma glória, caminhando atravez da história ao ritmo dos murmúrios dos mesmos regatos, dos bramidos do mesmo mar, dos uivos das mesmas selvas,—mas caminhando sempre, impelido pela fôrça indómita do Passado, em demanda do santo Graal: o Porvir.

"*Ce qu'on appelle la race*—escreve Taine—*ce sont des dispositions innées et héréditaires que l'homme apporte avec lui à la lumière et qui ordinairemente sont jointes à des différences marquées dans le tempérament et dans la structure du corps*».

*
* *

Publicamos a seguir as fotogravuras dos crânios dêste estudo, e também as de alguns *tipos* de castas de Gôa. As fotografias dos crânios foram tiradas pelo Snr. Dr. Pedro Vitorino, a quem nos confessamos imensamente gratos; e as fotografias dos *tipos* indianos foram-nos enviadas pelo Snr. Dr. Balcrisna Sacardandó, a quem endereçamos a expressão do nosso reconhecimento.

Não findamos o nosso trabalho sem expressarmos a nossa infinita gratidão ao eminente homem de sciência, Prof. Dr. Froilano de Melo, que nos deu a sua preciosa colaboração... talvez sem ter dado por ela: oferecendo à Faculdade de Medicina os crânios que acabamos de estudar.

Visto

Pires de Lima

Presidente.

Pode imprimir-se

Alfredo de Magalhães

Director.

Bibliografia

Aranzadi *(Telesforo de)* — Antropometria.

" " " — El triangulo facial de los craneos vascos.

Boncour *(Paul)* — Anthropologie anatomique.

Broca *(Paul)* — Mémoires d'Anthropologie.

" " — Instructions Anthropologiques générales.

" " — Instructions craniologiques.

Canestrini *(G.)* — Antropologia.

Chanda *(Ramaprasād)* — The indo-arian races.

Constantin *(André)* — Contribution à l'étude des corrélations physiques et psyco-sociologiques de la circonférance cephalique (L'Anthropologie, 1918).

Corre *(A.)* — L'ethnographie criminelle.

Crozals *(J. de)* — Histoire de la civilisation.

Delage et Goldsmith — Les théories de l'Évolution.

Deniker — Races et peuples de la terre.

Deschamps *(Émile)* — Les Veddas de Ceylan (L'Anthropologie, 1891).

Ferreira *(J. de Bettencourt)* — Crânios indianos do Museu Bocage (inédito).

Fick *(Richard)* — The social organisation in north-east India in Buddha's time.

Focillon *(Henri)* — L'Art Bouddhique.

Fonseca Cardoso — O Indígena de Satary (Revista de Sciências Naturais e Sociais, n.° 17, vol. V., 1896.

Frassetto *(Fabio)* — Lezioni di Antropologia.

Garcia de Resende — Miscelania e variedade de Historias.

Genty *(Ach.)* — Histoire des religions.

Guyénot *(Émile)* — Le Mendélisme et l'hérédité chez l'homme (Biologica).

Havelock Charles — Contributions to the Craniology and Craniometry of Panjab tribes (The Journal of Anatomy and Physiology, 1892-93).

Huck *(Maurice)* — Contribution à l'étude anthropologique des populations des rives du Rhin (L'Anthropologie, 1918).

H. ten Kate — Mélanges Anthropologiques (L'Antropologie, 1917).

Johnston *(Charles)* — Race et caste dans l'Inde (L'Anthropologie, 1893).

Letourneau *(Ch.)* — La Sociologie.

" " — La Psychologie ethnique.

Le Bon *(Gustave)* — Les civilisations de l'Inde.

" " " — Les opinions et les Croyances.

" " " — Lois psychologiques de l'évolution des peuples.

Livi *(Ridolfo)* — Antropometria.

Lopes Mendes — A India Portuguesa.

Lois le Fur — Races, Nationalités, État.

Majumdar *(R. C.)* — Corporate life in ancient India.

Malet *(Albert)* — Histoire universelle.

Marlés *(J. de)* — Histoire de l'Inde.

Martin *(R.)* — Lerbuch der Anthropologie in systematischer Darmstellung.

Mascarenhas *(Constâncio)* — Contribuição para a cefalometria na India Portuguesa (Tese, 1921).

Mascarenhas *(Constâncio)* — A Patria do Buda (Conferência, 1923).

Mendes Corrêa — Antropologia.

» » — Sôbre alguns crânios da India Portuguesa (A. S. da Faculdade de Medicina do Pôrto, vol. III, n.º 3).

Mendes Corrêa — Sôbre uma forma craniana arcaica (A. S. da Faculdade de Medicina do Pôrto, vol. IV, n.º 3).

Nello Puccioni — Morphologie du maxillaire inférieur (L'Anthropologie, 1914).

Oliveira Martins — As raças humanas e a civilisação primitiva.

Oliveira Martins — Elementos de Antropologia.

» » — Sistema dos mitos religiosos.

Pires de Lima *(Américo)* — Subsídios para o estudo comparado da mandíbula do homem e de alguns mamíferos (Ar. de Anatomia e Antropologia, 1915).

Pires de Lima *(Américo)* — Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique (A. S. da Faculdade de Medicina do Pôrto, 1918).

Quatrefages et Hamy — Crania Ethnica.

Rabaud *(Étienne)* — Le Méndélisme chez l'home (L'Anthropologie, 1912).

Reinach *(Salomon)* — Orpheus.

Risley *(Herbert)* — The People of India.

» » — Tribes and Castes of Bengal.

Ruggeri *(Giuffrida)* — The first outlines of a systematic Anthropology of Asia.

Seillière *(Ernest)* — Le comte de Gobineau et l'Aryanisme historique.

Sergi *(Giuseppe)* — L'Uomo.

Tarde *(G.)* — Les lois sociales.

TOPINARD *(Paul)* — L'Anthropologie.

„ „ — Élements d'Anthropologie générale.

UJFALVY *(Charles de)* — Les Aryens au nord et au sud de l'Hindou-Kouch.

UJFALVY *(Charles de)* — Iconographie et anthropologie irano-indienne (L'Anthropologie, 1902).

VACHER DE LAPOUGE — L'Aryen.

„ „ „ — Race et Milieu Social.

„ „ „ — Les selections sociales.

VAIDYA *(C. V.)* — Epic India.

VAN GENNEP *(A)* — La formation des Légendes.

VERNEAU *(R)* — Résultats Anthropologiques de la Mission de M. Gironcourt en Afrique Occidentale (L'Antropologie, 1916).

ZABOROWSKI *(M. S.)* — Les peuples aryens d'Asie et d'Europe.

Explicação das Figuras

Est. I { Fig. 1 e 2 – Crânio 318: frente e perfil.
Fig. 3 e 4 – Crânio 317: „ „

Est. II { Fig. 5 e 6 – Crânio 315: „ „
Fig. 7 e 8 – Crânio 313: „ „

Est. III { Fig. 9 e 10 – Crânio 312: „ „
Fig. 11 e 12 – Crânio 311: „ „

Est. IV { Fig. 13 e 14 – Crânio 123: „ „
Fig. 15 e 16 – Crânio 124: „ „

Est. V { Fig. 17 e 18 – Crânio 125: „ „
Fig. 19 e 20 – Crânio 126: „ „

Est. VI { Fig. 21 e 22 – Crânio 130: „ „
Fig. 23 e 24 – Crânio 211: „ „

Est. VII – Fig. 25 – Tipo sudra (cristã).

Est. VIII – Fig. 26 – Tipo sudra (cristão).

Est. IX – Fig. 27 – Tipo brâmane (indú).

Est. X – Fig. 28 – Tipo brâmane (indú).

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	15
O Problema das Castas	25
Craniometria	43
Os Brâmanes	119
Conclusão	141
Bibliografia	149
Explicação das Figuras	153

EST. I

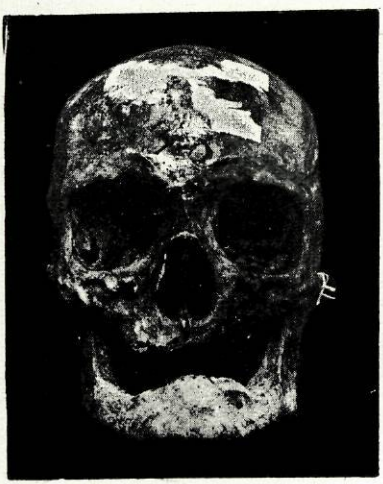


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

As Castas da India—*C. Mascarenhas.*

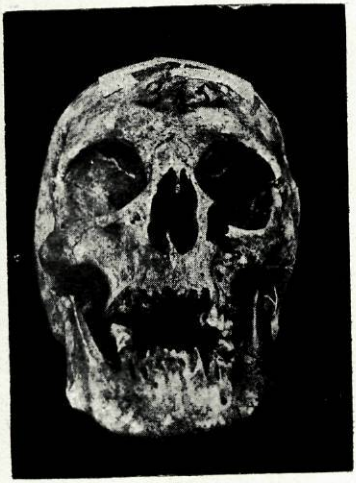


Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

As Castas da India—*C. Mascarenhas.*

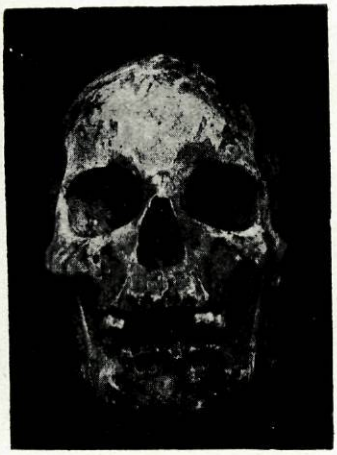


Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12

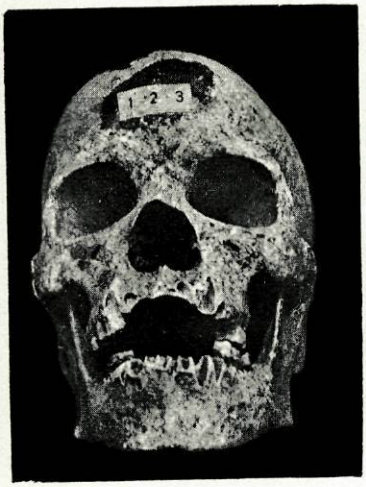


Fig. 13

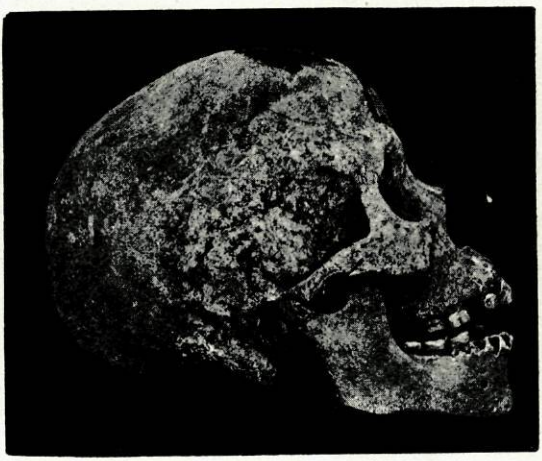


Fig. 14

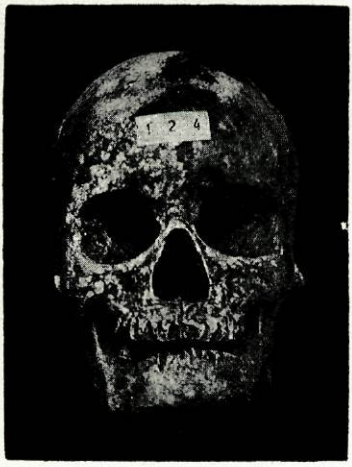


Fig. 15



Fig. 16

As Castas da India—*C. Mascarenhas.*

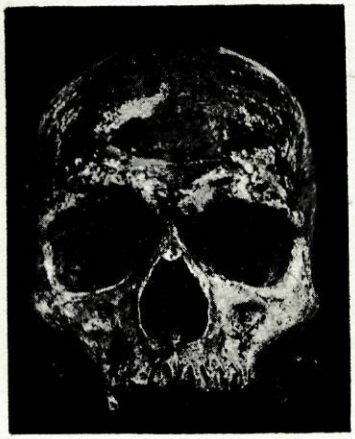


Fig. 17



Fig. 18

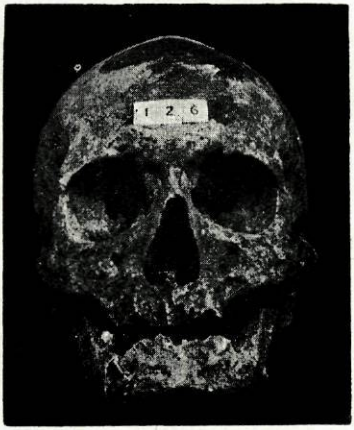


Fig. 19



Fig. 20

As Castas da India—*C. Mascarenhas.*

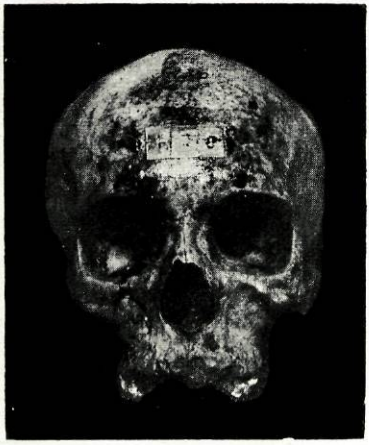


Fig. 21



Fig. 22

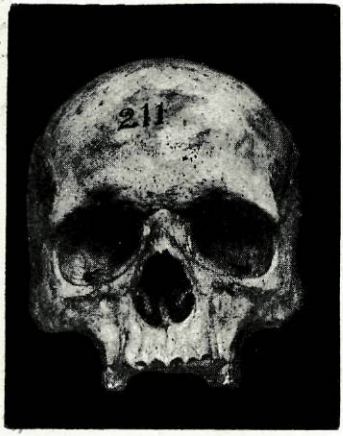


Fig. 23



Fig. 24

As Castas da India—C. *Mascarenhas.*

EST. VII



Fig. 25

As Castas da India – *C. Mascarenhas.*

EST. VIII



Fig. 26

As Castas da India – *C. Mascarenhas.*

EST. IX



Fig. 27

As Castas da India – *C. Mascarenhas.*

EST. X



Fig. 28

As Castas da India – *C. Mascarenhas.*

ERRATAS

Pgs.	*Linha*	*Lê-se*	*Leia-se*
40	8	no	para o
41	30	O que é certo, porêm, é que	Porêm, certo é que
47	27	feições do rosto	feições
56	22	Abóboda	Abóbada
59	19	Abóboda	Abóbada
107	23	Ethenica	Ethnica
152	13	L'Antropologie	L'Anthropologie